

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

João Vitor Pinheiro Ocker

Bem-estar subjetivo dos indivíduos e sofisticação da estrutura produtiva

Florianópolis

2022

João Vitor Pinheiro Ocker

Bem-estar subjetivo dos indivíduos e sofisticação da estrutura produtiva

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas
Orientador: Prof. Dominik Hartmann, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Pinheiro Ocker, João Vitor

Bem-estar subjetivo dos indivíduos e sofisticação da estrutura produtiva / João Vitor Pinheiro Ocker ; orientador, Dominik Hartmann, 2022.

66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Bem-estar subjetivo dos indivíduos. 3. Sofisticação da estrutura produtiva. 4. Índice de Complexidade Econômica. 5. Modelos logísticos com odds ratio. I. Hartmann, Dominik. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

João Vitor Pinheiro Ocker

Bem-estar subjetivo dos indivíduos e sofisticação da estrutura produtiva

Florianópolis, 22 de julho de 2022.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dominik Hartmann, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Michele Romanello, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Solange Marin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof. Dominik Hartmann, Dr.
Orientador

Florianópolis/SC, 2022

Dedico este trabalho a minha querida vó, Laura (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Delmi e Ediana, pelo incentivo e apoio nessa jornada, que dentro de suas limitações puderam me proporcionar as condições necessárias para a finalização deste curso.

Aos meus colegas de graduação - em especial ao Guilherme -, e do LabTrans - em especial ao Davi e ao Andrei -, que compartilharam comigo momentos de aprendizado e felicidade, assim como momentos de dificuldade e superação nesses últimos anos. Agradeço a cada um de vocês pelo companheirismo e os bons momentos juntos.

Aos professores do departamento, com a qual pude absorver muito do que sei hoje sobre economia, e aprender a observar o mundo por diferentes perspectivas.

Ao meu orientador, professor Dominik, por acreditar no meu potencial no desenvolvimento deste trabalho, pelo conhecimento compartilhado, e pelas incansáveis e minuciosas revisões, meu muito obrigado.

Ao professor Michele e a professora Solange pela disponibilidade e interesse em participar da defesa desta monografia.

À UFSC no geral, pelas políticas e infraestrutura que proporcionaram a minha permanência durante o ensino superior, e o ingresso no mercado de trabalho através da minha primeira experiência profissional, fica a minha eterna gratidão.

“Almost nothing material is needed for a happy life, for he who has understood existence” (Marcus Aurelius, séc. II)

RESUMO

A literatura sobre bem-estar subjetivo tem explorado múltiplos fatores explicativos para a felicidade e qualidade de vida dos indivíduos. No entanto, pouco se sabe sobre como a sofisticação da estrutura produtiva de um país impacta o bem-estar subjetivo de uma pessoa. Isso é importante porque existem diferenças significativas nas estruturas produtivas entre os países e, portanto, tipos associados de empregos, instituições, desigualdade e perspectivas de crescimento. Além disso, as políticas econômicas visam tanto aumentar o crescimento agregado (medido pelo PIB) quanto as capacidades produtivas (ex. medida pelo índice de complexidade econômica). Esta monografia aplica uma regressão logística (com *odds ratio*) a um grande conjunto de dados do *World Value Survey* com 17.000 indivíduos de 41 sociedades entre 2017 e 2020. Os resultados demonstram que a complexidade econômica tem uma associação positiva e significativa com o bem-estar subjetivo, mesmo após o controle de múltiplas outras variáveis explicativas da felicidade, como saúde, casamento, renda ou democracia. Isso implica que pode não ser suficiente focar nos fatores de felicidade em nível individual, mas a estrutura produtiva do país também desempenha um papel significativo na prevenção da infelicidade. A probabilidade de indivíduos insatisfeitos é significativamente maior em países cujas economias se concentram apenas em produtos simples, que exploram recursos e mão de obra barata, do que em países que são capazes de produzir um conjunto variado de atividades mais complexas e baseadas em conhecimento.

Palavras-chave: bem-estar subjetivo dos indivíduos; felicidade dos indivíduos; sofisticação da estrutura produtiva; Índice de Complexidade Econômica; modelos logísticos com *odds ratio*.

ABSTRACT

The literature on subjective well-being has explored multiple explanatory factors for the happiness and quality of life of individuals. However, little is known about how the sophistication of a country's productive structure impacts a person's subjective well-being. This matters because there are significant differences in productive structures across countries and thus associated types of jobs, institutions, inequality, and growth prospects. Moreover, economic policies aim both at augmenting aggregate growth (as measured by GDP) as well as productive capabilities (ex as measured by the economic complexity index). This monography applies logistics regression (with odds ratio) to a large dataset of the World Value Survey on 17,000 individuals from 41 societies between 2017 to 2020. It results that economic complexity has a positive and significant association with subjective well-being, even after controlling for multiple other explanatory variables of happiness, such as health, marriage, income, or democracy. This implies that it may not be enough to focus on individual-level factors of happiness, but the country's productive structure also plays a significant role in preventing unhappiness. The probability of unhappy individuals is significantly higher in countries whose economies focus only on simple, resource- and cheap-labor-cost-exploiting products than in countries that are able to produce a varied set of more complex and knowledge-based activities.

Keywords: individuals' subjective well-being; happiness of individuals; sophistication of the productive structure; Economic Complexity Index; logistic models with odds ratio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre bem-estar subjetivo do indivíduo e sofisticação da estrutura produtiva.....	40
Figura 2 – Relação entre bem-estar subjetivo médio do país e sofisticação da estrutura produtiva.....	41
Figura 3 – Variabilidade do bem-estar subjetivo	42
Figura 4 – Maiores e menores níveis de infelicidade por país	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatísticas descritivas (variáveis quantitativas)	35
Tabela 2 – Estatísticas descritivas (variáveis <i>dummies</i>).....	36
Tabela 3 – Matriz de correlação entre as variáveis	38
Tabela 4 – Resultado dos modelos logísticos (<i>odds ratio</i>).....	46
Tabela 5 – Lista de países da amostra de dados	63
Tabela 6 – VIF para variáveis independentes	64
Tabela 7 – Resultado dos modelos logísticos.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDR	Bundesrepublik Deutschland
DDR	Deutsche Demokratische Republik
EUA	Estados Unidos da América
ICE	Índice de Complexidade Econômica
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	Program for International Student Assessment
VIF	Variance Inflation Factor
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
WVS	World Values Survey

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2	OBJETIVO GERAL.....	17
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	O QUE É BEM-ESTAR SUBJETIVO, OU EM OUTRAS PALAVRAS, A FELICIDADE?.....	18
2.2	OS FATORES QUE AFETAM A FELICIDADE	19
2.2.1	Fatores socioeconômicos	19
2.2.2	Fatores demográficos.....	22
2.3	UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A SOFISTICAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA.....	25
2.4	EFEITOS DA SOFISTICAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA SOBRE O BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS INDIVÍDUOS.....	28
2.4.1	Positivos	28
2.4.2	Negativos.....	30
3	METODOLOGIA.....	32
3.1	DADOS	32
3.1.1	Variável dependente	33
3.1.2	Variáveis independentes.....	33
3.1.3	Análise exploratória.....	35
3.2	MODELAGEM	44
3.2.1	Modelo logístico	44
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
4.1	MODELOS	46
4.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS	48

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A	63

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

O bem-estar subjetivo¹, ou em outras palavras, a felicidade, é um sentimento que está presente em diversos seres vivos, e que subjetivamente, se expressa de diferentes maneiras, manifestando as avaliações das pessoas sobre suas vidas, e abrangendo os julgamentos cognitivos de satisfação como avaliações afetivas de humores e emoções (KESEBIR; DIENER, 2008). Entretanto, apesar dessa definição atual com base em estudos recentes, desde a Antiguidade até o século XXI, a felicidade é motivo de pesquisa e debate entre os diferentes grupos de indivíduos em diversos lugares, dado sua importância para o bem-estar, assim como pela variedade de fatores que influenciam sua essência. Ainda assim, apesar dos diversos estudos realizados até o momento sobre os fatores que afetam a felicidade, como os desenvolvidos por Blom e Perelli-Harris (2021), Cuñado e Gracia (2012, 2013), DeMaris e Oates (2021), Diener (2009a, 2009b, 2009c), Graham e Pozuelo (2017), Kollampambil (2019) e Montgomery (2022), pouco se discute na literatura como a sofisticação da estrutura produtiva de determinado país influenciam o bem-estar subjetivo de um indivíduo.

Com base no exposto acima, e baseando-se na literatura da complexidade econômica podemos notar que, de modo geral, países emergentes demonstram menores níveis de sofisticação de sua estrutura produtiva, numa comparação direta com os países desenvolvidos, dado que tais países desenvolvidos apresentam, usualmente, maior sofisticação de sua estrutura produtiva, resultado que remonta ao processo de industrialização e formação econômica que ocorreu entre os países no séculos passados (CHAKRABORTY; INOUE; FUJIWARA, 2020; FRITZ; MANDUCA, 2021; GAO; ZHOU, 2018; REYNOLDS *et al.*, 2017). Nesse sentido, no geral, países onde existe uma maior sofisticação da estrutura produtiva com a produção de bens mais complexos, os indivíduos encontram um ambiente com oportunidades em setores mais complexos e desenvolvidos, que demandam mão de obra mais qualificada para preencher empregos com melhores condições de trabalho e maiores níveis de renda. Desse modo, sustenta-se que tais fatores são fundamentais para maiores níveis de felicidade de um indivíduo, dado que além dos fatores mencionados acima, toda uma rede de melhores bens de consumo, entretenimento, infraestrutura e meios de transporte se desenvolvem em regiões com maiores

¹ Outros termos que aparecem no decorrer do trabalho que apresentam intersecções em suas definições com o bem-estar subjetivo estão a felicidade e a satisfação com a vida.

níveis de sofisticação produtiva, assim como o maior respeito a liberdades individuais pela presença de instituições mais sólidas e inclusivas (HARTMANN, 2014; HARTMANN *et al.*, 2017). Tais resultados ficam ainda mais observáveis quando comparados a países com baixa sofisticação da sua estrutura produtiva, como o Bangladesh e o Zimbábue, em que as condições de trabalho e remuneração dos indivíduos são insuficientes para uma melhor qualidade de vida, o que conseqüentemente afeta a felicidade dos indivíduos.

A partir disso, a análise dos fatores que afetam o bem-estar subjetivo de um indivíduo pode ser complementada pela observação da relação do nível de sofisticação da estrutura produtiva de determinado país, que pode ser estudado pela ótica da complexidade econômica. Tal situação direciona o presente trabalho, dado que, devido aos diversos fatores que influenciam o desenvolvimento econômico dos países no decorrer de sua formação econômica, emergem-se sucessivas lacunas entre tais territórios, que podem influenciar a percepção da felicidade de um indivíduo.

Tal pressuposto abre espaço para o estudo dos fatores que afetam o bem-estar subjetivo dos indivíduos entre os países - como os fatores socioeconômicos e demográficos -, concomitantemente ao índice de complexidade econômica – que mede a capacidade dos países em produzirem bens complexos e não-ubíquos -, que representará uma variável *proxy* para a sofisticação da estrutura produtiva. No mais, devido a interdisciplinaridade encontrada no domínio do bem-estar subjetivo e o *background* do autor, limita-se o presente estudo a analisar a felicidade sobre a ótica econômica e social, resistindo a investigação do tema sobre o viés psicológico, filosófico e religioso, apesar da sobreposição dessas óticas em determinados momentos.

Desse modo, o presente estudo pretende fornecer fundamentos teóricos e resultados empíricos que possam preencher o *gap* encontrado na literatura e ajudar no direcionamento e na elaboração de políticas de desenvolvimento com foco na maximização da felicidade. Dado que com base no exposto acima, sustenta-se um efeito positivo sobre a felicidade dos indivíduos em países onde existe uma estrutura produtiva mais sofisticada. No mais, o trabalho pretende também analisar qual o efeito das variáveis controle, objetivando contribuir para literatura e compreender com maior clareza como se desenvolve a relação dos fatores que afetam a percepção de bem-estar subjetivo dos indivíduos. Posto isto, este trabalho se baseará em

distintos referenciais teóricos de base interdisciplinar sobre o tema, cumprindo o objetivo do estudo e o *background* do autor, assim como pela exploração e respeito aos dados entre os diversos países e grupos sociais que serão analisados.

1.2 OBJETIVO GERAL

Qual a relação do nível da sofisticação da estrutura produtiva, concomitantemente a outras variáveis de controle, sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos com dados de diferentes países?

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Revisar a literatura com alguns fatores que influenciam o bem-estar subjetivo dos indivíduos, assim como da sofisticação da estrutura produtiva pela ótica da complexidade econômica;
- Apresentar a metodologia e a análise exploratória dos dados; e
- Modelar e discutir os resultados das regressões logísticas com *odds ratio* para as variáveis selecionadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O QUE É BEM-ESTAR SUBJETIVO, OU EM OUTRAS PALAVRAS, A FELICIDADE?

Assim como já mencionado previamente, diversos momentos na história da humanidade apresentaram distintos relatos do que pode ser entendido como a felicidade. Tais variações decorrem de diversos fatores que se intensificam em maior ou menor grau a depender da sociedade que se observa. Conforme Oishi (2010), até mesmo questões idiomáticas são um ponto relevante quando se refere a felicidade, em países orientais como China, Japão e Coreia o termo 幸福 expressa felicidade e ao mesmo tempo sorte, acaso ou golpe de sorte. Já na língua inglesa, a definição de felicidade, nesse caso, *happiness*, tem sua em origens nas palavras *luck and fortune* como observado em dicionários de distintos períodos. No francês a felicidade, ou *Bohneur*, significa acontecimento feliz/sorte favorável; já na língua alemã o termo *Glück* pode ser entendido com sorte (*luck*). Tais perspectivas sobre o tema corroboram a complexidade que as emoções humanas apresentam em sua essência, e distribuem uma infinidade de possibilidades para obter uma definição única e exata.

Ainda assim, com base nas pesquisas de Diener (2009a, 2009b, 2009c) formulou-se uma métrica satisfatória para a felicidade, o termo bem-estar subjetivo, que pode ser entendido como as avaliações das pessoas sobre suas vidas, abrangendo tanto julgamentos cognitivos de satisfação quanto avaliações afetivas de humores e emoções. Dessa maneira, percebe-se a subjetividade com a qual o presente trabalho lidará, dado que a percepção de felicidade dependerá do juízo de valor de cada indivíduo. Não obstante, os estudos conduzidos na temática apresentam que o bem-estar subjetivo pode ser compreendido pelos seguintes componentes:

- Satisfação com a vida – que pode ser analisado como os julgamentos de sua própria vida;
- Satisfação com importante domínios da vida – que pode ser entendido com a percepção de fatores da vida de um indivíduo;
- Afetos positivos – a predominância de emoções agradáveis;
- Afetos negativos – a prevalência de emoções desagradáveis (KESEBIR; DIENER, 2008).

Os componentes acima mencionados demonstram que diversos aspectos da vida de um indivíduo afetam seu nível de bem-estar subjetivo, principalmente os componentes ligados aos aspectos externos e internos, e a sua reação diante de tais acontecimentos. Ainda assim, como já exposto, o presente estudo se focará principalmente nos tópicos “Satisfação com a vida” e “Satisfação com importantes domínios da vida”, que são conectados aos fatores de caráter socioeconômicos, demográficos e a sofisticação da estrutura produtiva, dado que os tópicos “Afetos positivos” e “Afetos negativos” fogem dos objetivos propostos e entram em campos de estudos distintos.

2.2 OS FATORES QUE AFETAM A FELICIDADE

No que se refere as últimas décadas, nichos na psicologia e economia – principalmente na temática de economia da felicidade -, demonstram o interesse dos pesquisadores pelo estudo do bem-estar subjetivo entre determinados grupos e sociedades. Nesse tópico, se destaca as pesquisas de Blom e Perelli-Harris (2021), Diener (2009a, 2009b, 2009c), de Frey e Stutzer (2002a), de Golgher e Coutinho (2020), de Lai, Yu e Woo (2020) e de Wadsworth e Pendergast (2021), que contribuíram à ciência por meio de suas pesquisas e cooperações com outros pesquisadores em estudos sobre as diferentes variáveis que impactam os componentes que formam o bem-estar subjetivo em diferentes níveis de intensidade. Consequentemente, entre os fatores que podemos destacar, salientamos os fatores socioeconômicos como: a renda, o desemprego e a democracia; e os fatores demográficos como: idade, gênero, raça, percepção de saúde, casamento e urbanização.

A partir do que foi exposto na presente seção, busca-se expor e aprofundar nas subseções seguintes os fatores socioeconômicos e demográficos, baseando-se nas pesquisas já desenvolvidas até o momento.

2.2.1 Fatores socioeconômicos

Os fatores socioeconômicos apresentam importantes variáveis que impactam o bem-estar subjetivo de um indivíduo durante sua existência, assim como sua integração com a sociedade com a qual coexiste. Nessa subseção, começaremos analisando a literatura disponível ao redor da renda, e posteriormente sobre o desemprego e a democracia.

Renda

Estudos analisando a associação da renda como os de Lachowska (2015), Lai, Yu e Woo (2020), Kollamparambil (2019) encontraram evidências para a existência de uma associação positiva entre o bem-estar subjetivo e a renda, observando como tal fato decorre em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Na mesma linha de pesquisa, Ferrer-i-Carbonell (2005) encontrou resultados positivos da renda sobre o bem-estar subjetivo sobre uma análise de dados entre alemães das antigas BRD (do alemão, *Bundesrepublik Deutschland*) e DDR (do alemão, *Deutsche Demokratische Republik*), após a unificação da Alemanha. Seus resultados demonstram que a influência da renda é mais importante para bem-estar subjetivo de indivíduos que vivem no leste do que para seus pares no oeste do país, assim como evidências do efeito da renda relativa nesse estudo.

Outros pesquisadores como Dolan, Peasgood e White (2008) e Easterlin *et al.* (2010), mencionam uma relação positiva entre felicidade e renda, mas estabelecem que há um limite para tal crescimento da felicidade em relação a renda com base na análise do ciclo de vida de um indivíduo, dado que com o alcance de um patamar de renda – principalmente níveis muito superiores aos das necessidades básicas -, aumentos posteriores da renda só terão efeitos marginais na felicidade. Tal constatação é proveniente de uma análise pelo viés da renda relativa, em que a satisfação com a vida não depende somente das condições de um determinado indivíduo, mas também daqueles que os rodeiam (CLARK; FRIJTERS; SHIELDS, 2007).

Desemprego

A influência que o desemprego ocasiona no ciclo de vida de um indivíduo, vai muito além da queda da renda, mas afeta tanto o lado psicológico e emocional, quanto o lado, social e de interações com outros indivíduos. De forma geral, a literatura demonstra consenso da associação negativo do desemprego sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos, pesquisas como as de Aliyev (2021), Binder e Coad (2013), Blom e Perelli-Harris (2021) e Inanc (2018) apresentam, evidências para essa hipótese. Autores como Winkelmann e Winkelmann (1998) compartilham da mesma perspectiva, dado que para uma análise da influência do desemprego sobre o bem-estar subjetivo na Alemanha, os efeitos não-pecuniários da perda de um emprego sobre a felicidade, como os psicológicos e sociais, superam o ocasionado pela diminuição da renda, ou seja, os custos pecuniários do desemprego são relativamente menores em comparação aos não-pecuniários.

Conforme Cunhado e Gracia (2012) foram encontradas evidências para tal percepção através de uma amostra de observações para a Espanha, no que indivíduos que estavam desempregados e procurando novas oportunidades de emprego apresentavam, no geral, implicações negativas sobre o seu bem-estar subjetivo. Na mesma linha de pesquisa, pesquisadores como Clark e Oswald (1994) depararam-se com as mesmas implicações para uma pesquisa conduzida com trabalhadores britânicos, demonstrando que indivíduos desempregados apresentavam metade do bem-estar subjetivo de indivíduos empregados. No mais, os pesquisadores destacam ainda, que no geral, regiões onde o nível de desemprego se encontrava mais elevado, as pessoas apresentavam maiores níveis de felicidade do que em regiões onde o nível de desemprego era mais baixo, tal fato pode ser entendido como uma demonstração de um viés psicológico de comparação relativa entre os indivíduos.

Democracia

Um governo democrático que respeita as liberdades dos indivíduos é fundamental para o bem-estar da sua população. Nesse sentido, autores como Orviska, Caplanova e Hudson (2014) encontraram resultados positivos e significantes da relação da democracia sobre a felicidade por meio de uma análise a nível regional em diferentes países – ainda assim, tais evidências não foram encontradas para os resultados com amostra de dados de países ricos, mulheres e pessoas ricas, com base na falta de significância estatística. Na mesma perspectiva, autores como Frey e Stutzer (2000) analisaram uma amostra de dados para a Suíça e encontraram resultados positivos e significantes, demonstrando que quanto mais desenvolvidas as instituições democráticas diretas, mais felizes são os indivíduos, em que tais resultados podem ser percebidos como o benefício da participação no processo democrático diretamente. Outros autores como Altman, Flavin e Racliff (2017) e Tov e Diener (2009) encontraram resultados semelhantes, demonstrando que sociedades que apresentavam maiores níveis de bem-estar subjetivo também manifestavam maiores níveis de confiança, voluntarismo e atitudes democráticas, além de sistemas políticos mais democráticos.

A presente subseção demonstrou a relação dos fatores socioeconômicos sobre o bem-estar subjetivo. Nesse sentido, como exposto pela literatura consultada, a influência da renda sobre a felicidade é positiva. Por outro lado, em referência ao desemprego, há a manifestação de um certo consenso entre os pesquisadores de distintas áreas sobre os efeitos negativos da desocupação sobre o bem estar subjetivo. Já no que se refere a democracia, evidências para a

influência positiva sobre o bem-estar subjetivo foram expostas por diversos autores na literatura.

2.2.2 Fatores demográficos

Os fatores demográficos podem ser entendidos como o produto da heterogeneidade presente no processo de formação das sociedades, desse modo, assim como apresentado anteriormente, a corrente subseção busca apresentar a visão literária acerca dos fatores demográficos que influenciam o bem-estar subjetivo de um indivíduo, destacando variáveis como idade, gênero, raça, percepção de saúde, casamento e urbanização.

Idade

No que se refere a variável idade, diversos estudos na literatura demonstram que existe uma relação não-linear entre a idade e o bem-estar subjetivo do indivíduo, desse modo, pesquisadores como Clark e Oswald (1996), Cuñado e Gracia (2012) e Graham e Pozuelo (2017) encontraram evidências que a idade apresenta uma relação em formato de “U” com o bem-estar subjetivo, demonstrando que as pessoas apontam maiores níveis de felicidade no período inicial e final de sua vida, e que demonstram menores graus em meados do ciclo de vida. De acordo com Blanchflower e Oswald (2008), que analisaram mais profundamente essa relação curvilínea, em média, em meados dos 50 anos, uma amostra da parcela americana masculina apresentou o menor nível de bem estar subjetivo, já no caso das mulheres, esse resultado se encontrava na faixa dos 38 anos. No que compete a análise com uma amostra de indivíduos europeus, tanto homens quanto mulheres demonstraram o menor nível de bem-estar subjetivo com cerca de 40 anos.

Gênero

De acordo com Frey e Stutzer (2002a) mulheres apresentam um maior nível de bem-estar subjetivo que homens, apesar de a diferença ser de pequena magnitude. Por outro lado, estudos como os de Montgomery (2022) e Sarracino (2013) afirmaram que os indivíduos do sexo feminino são menos felizes que seus pares masculinos. No entanto, para pesquisadores como Batz-Barbarich *et al.* (2018) diferenças de felicidade não foram encontradas entre os dois gêneros analisados.

A literatura demonstra, de certo modo, uma ambiguidade do efeito do gênero no bem-estar subjetivo. Apesar disso, no geral, outras pesquisas apresentam que mulheres vivem emoções positivas e negativas com maior intensidade que homens², fato esse, que pode ser raiz de tal indefinição da influência do sexo sobre o bem-estar subjetivo (WOOD; RHODES; WHELAN, 1989). Assim, tais percepções que se contradizem – no caso, mulheres que apresentam maiores níveis de emoções negativas, e que também demonstram maiores níveis de bem-estar subjetivo - podem ser o real motivo para a dita volatilidade da influência do gênero sobre o bem-estar subjetivo.

Cor ou Raça

No que se refere a cor ou raça, pesquisas demonstram que pessoas negras são menos felizes que pessoas brancas, tal percepção dessa relação na literatura pode ser observada principalmente por outras variáveis que afetam, no geral, pessoas negras com maior intensidade que pessoas brancas, como menores níveis educacionais, trabalho menos qualificados, e conseqüentemente, menores salários (ICELAND; LUDWIG-DEHM, 2019; DIENER, 2009c). Ainda na temática, Wadsworth e Pendergast (2021) analisaram a diferença de bem-estar subjetivo entre brancos, latinos e asiáticos para uma amostra de dados nos Estados Unidos. Entre seus resultados, está o mesmo encontrado entre brancos e negros, como citado anteriormente, em que pessoas não-brancas, demonstram, no geral, menores níveis de felicidade.

Enfatiza-se ainda, que entre os fatores não observáveis que afetam os grupos mencionados previamente em referência ao seu bem-estar subjetivo, destacamos o problema crônico de racismo, discriminação e segregação que diversas sociedades apresentam, além da percepção de pertencimento a um grupo minoritário observada por esses grupos marginalizados socialmente (ICELAND; LUDWIG-DEHM, 2019).

Percepção de saúde

Segundo pesquisas de Dolan, Peasgood e White (2008) e Golgher e Coutinho (2020), que revisaram a relação da saúde sobre o bem-estar subjetivo, diversos estudos na literatura

² Tal fato pode ser observado pela maior probabilidade e número de notificações de depressão entre as mulheres em comparação ao gênero masculino (BRODY; PRATT; HUGHES, 2018).

apresentam uma forte relação entre essas variáveis, principalmente a saúde psicológica e física. Estudos como o de Deaton (2008) encontraram evidências para que o coeficiente da saúde no bem-estar subjetivo seja positivo, tal resultado se deu numa análise de mais de 100 países. Na mesma linha de pensamento, Yang (2008) analisou dados para os EUA por cerca de 30 anos, seus resultados demonstraram que os indivíduos que relataram péssima autoavaliação de saúde tinham uma redução na probabilidade de apresentar maiores níveis de bem-estar subjetivo em aproximadamente 70% em comparação com indivíduos com ótima percepção de saúde. Para Cuñado e Gracia (2013) que analisaram a influência de fatores sobre o bem-estar subjetivo nas comunidades autônomas da Espanha, foram encontradas evidências que a saúde subjetiva geral foi o fator com maior importância para a felicidade de um indivíduo. Resultados semelhantes foram encontrados por Ha e Jang (2015), Puntsher *et al.* (2015), onde indivíduos mais saudáveis apresentam melhores níveis de bem-estar.

Casamento

Diversos estudos demonstram que uma relação íntima, agradável e prazerosa entre indivíduos apresenta ganhos de bem-estar subjetivo para ambos. Assim, pesquisas como de Lawless e Lucas (2011) afirmam que indivíduos casados demonstram maior bem-estar subjetivo que indivíduos que nunca casaram, e que esses apresentam, no geral, maiores níveis de felicidade que indivíduos divorciados, separados ou viúvos. Os autores Grover e Helliwell (2019) e Stevenson e Wolfers (2008), complementam essa perspectiva, estabelecendo que indivíduos apresentam elevação do bem-estar subjetivo quando estão em uma união, mas que essa percepção diminui relativamente em momentos de separação, como o ocasionado por um divórcio.

De acordo com DeMaris e Oates (2021) e Stack e Eshleman (1998), o fato de bem-estar subjetivo ser elevado pelo casamento pode ser entendido por processos intermediários, dado que há uma melhora da vida financeira do casal, e também um maior suporte emocional aos indivíduos, além de que o casamento pode ser uma válvula de escape para situações estressantes que ocorrem em outros domínios da vida - como o trabalho - e diminuem os momentos de solidão, e conseqüentemente, de problemas decorrentes desse fato, como ansiedade e depressão.

Urbanização

A urbanização influencia o bem-estar dos indivíduos em distintos aspectos e graus, em primeiro lugar pode-se mencionar aspectos positivos - como melhores emprego e maiores opções de entretenimento -, assim como negativos, como pior qualidades do ar, trânsito e poluição sonora. Apesar disso, pesquisas como a de Rehdanz e Maddison (2005) não encontraram resultados significantes para o efeito da densidade populacional e da urbanização sobre o bem-estar subjetivo. Da mesma forma, autores como Graham e Felton (2006) e Cuñado e Gracia (2013) também não encontraram resultados significantes sobre a influência da densidade populacional - como pequenas e grandes cidades - sobre a felicidade de um indivíduo.

Os tópicos mencionados na presente subseção demonstram o que a literatura evidencia nos fatores demográficos sobre o bem-estar subjetivo de um indivíduo, assim, o presente trabalho busca analisar como tais relações se apresentam com os dados selecionados.

2.3 UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A SOFISTICAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA

Os fatores que ocasionam o desenvolvimento das nações foram e ainda são, motivo de debate entre pesquisadores, obras primordiais, como de Smith (1776) e Ricardo (1817), encontraram as primeiras evidências do papel da divisão do trabalho e da produção de produtos no desenvolvimento da economia. Nas últimas décadas, diversos estudos com foco no desenvolvimento econômico ganharam espaço na literatura, e não somente analisando o por meio do Produto Interno Bruto (PIB) e PIB *per capita*. Em vista disso, o presente trabalho busca entender como a sofisticação da estrutura produtiva influencia o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Segundo Hidalgo e Hausmann (2008, 2009) uma forma de mensurar a sofisticação da estrutura produtiva de um país é por meio de sua capacidade de desenvolver produtos complexos e não-ubíquos, dado que tais produtos demandam a disponibilidade de capacidades não-transacionáveis³ que interagem dentro de uma economia. Nesse sentido, a trajetória de desenvolvimento de uma economia é determinada por sua complexidade econômica, ou seja, a atual disponibilidade de capacidades ditará a acumulação de novas capacidades, dado que as

³ Segundo Hausmann e Hidalgo (2010) entre as capacidades não-transacionáveis que divergem entre os países estão os direitos de propriedade, a regulação, a infraestrutura, as habilidades de trabalhos e organizacionais específicas, como conhecimento tácito e o *know-how*.

interações entre capacidades acontecem com base na proximidade entre si. Tal formulação demonstra que países com extensa disponibilidade de capacidades e que exibem diversidade produtiva - ou seja, produzem produtos complexos e não-ubíquos -, demonstram acumulação exponencial de novas capacidades. Por outro lado, países com poucas capacidades não apresentam o mesmo ritmo de acumulação de capacidades, e conseqüentemente, não conseguem diversificar sua estrutura produtiva, se estabelecendo numa situação denominada “*quiescence trap*” ou “*trap of economic stasis*”, o que pode ser compreendido como uma armadilha do desenvolvimento (HIDALGO; HAUSMANN, 2010).

Da mesma maneira, para Cristelli *et al.* (2013) as capacidades são todos os ativos intangíveis que impulsionam o desenvolvimento, a riqueza e a competitividade de país, assim, a elevação da performance econômica pela falta de conexão com capacidades mais complexas se tornará restrita em países com limitada sofisticação da estrutura produtiva. Estudos empíricos como o de Neffke, Henning e Boschma (2011) observaram a relação das capacidades com a produção industrial a nível regional em diferentes partes da Suécia e, encontraram evidências robustas para que as novas indústrias que surgiam se relacionavam com as capacidades necessárias para as indústrias pré-existentes na mesma região, ou seja, houve um processo de ramificação industrial baseado na dependência e proximidade das capacidades disponíveis na região. Para autores como Balland e Rigby (2017) e Balland *et al.* (2020) que analisaram a organização espacial da complexidade de atividades, evidências foram encontradas para que atividades mais complexas se concentrem em grandes cidades. Em vista disso, tal resultado provém do fato que, atividades mais complexas requerem uma divisão mais profunda do conhecimento, o que obriga os indivíduos a restringir seus conhecimentos e se especializar. No mais, grandes cidades apresentam uma considerável variedade de mecanismos de disseminação de conhecimento, como fluxos de trabalho, *spin-offs* e densas e extensas redes sociais, além de organizações públicas ou privadas que focam na acumulação de conhecimento complexo, como universidades e laboratórios de pesquisa privados. Estabelece-se com base em Cristelli, Tacchella e Pietronero (2013), Hausmann *et al.* (2015), Pugliese *et al.* (2017) e Zhu e Li (2017) que tais informações se tornam fundamentais para a melhor compreensão dos fatores que elevam a sofisticação da estrutura produtiva entre os países, dado que a convergência para níveis de renda maiores será determinada pelas atuais capacidades embutidas na economia e sua tendência a acumular novas capacidades.

Através da gama de produtos que um país exporta - ou em outras palavras, sua competência na diversificação produtiva -, e mediante o número de países que exportam esses produtos – que pode ser entendido como a ubiquidade que determinado produto apresenta -, é possível compreender as capacidades existentes num país, inferir as limitações futuras de crescimento e sua aptidão na acumulação de capacidades que promovem a elevação da sofisticação da estrutura produtiva⁴. Assim, compreende-se que países que apresentam grande diversidade e baixa ubiquidade de seus produtos, são no geral, mais sofisticados que países que apresentam baixa diversidade produtiva, e que produzem produtos ubíquos. Para Felipe et al. (2012) que analisou empiricamente as dinâmicas da estrutura produtiva em mais de 100 países, seus resultados evidenciam que, os produtos mais complexos se encontram nas máquinas, produtos químicos e metais, enquanto os menos complexos se concentram em matérias-primas, *commodities* e produtos agrícolas, destacando-se ainda, a correlação dos países com produção mais complexa com maiores níveis de renda - como Japão, Alemanha e Suécia -, enquanto os países de baixa renda – como Camboja, Papua Nova Guiné e Nigéria - exportam, em sua maioria produtos poucos complexos.

Hartmann et al. (2017) destaca que produtos complexos promovem uma maior rede de trabalhadores qualificados, indústrias relacionadas entre si e, instituições que viabilizam a maior competitividade da economia comparativamente a sociedades em que produtos simples e de base extrativista são a base da economia, seja pela predominância de recursos naturais ou pelo baixo custo do trabalho disponível. Ainda como destacou Milanovic (2012, apud HARTMANN et al., 2017, p. 1), a diversidade produtiva que cada país se adequa, dita e restringe as escolhas ocupacionais, e as oportunidades de aprendizagem com que os indivíduos dessa sociedade possam se associar. Da mesma maneira, a diversidade e complexidade com que um país apresenta em seus produtos, são no geral, uma *proxy* significativa para a distribuição de conhecimentos tácitos - como o *know-how* – entre as diferentes camadas da sociedade, que na maioria dos casos, não é compreendida por variáveis agregadas, como no nível médio de educação de uma população. Além do mais, tal sofisticação da estrutura produtiva também representa uma *proxy* para o capital social – que pode ser compreendido

⁴ Tal afirmação pode ser compreendida pela ótica do *Product Space*, ou em outras palavras, pela rede de relacionamentos que se desenvolve entre os produtos num determinado país. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de novos produtos depende, em linhas gerais, da proximidade com a produção de bens atualmente ocorrida, dado que se baseará nas capacidades disponíveis naquele país (HAUSMANN; KLINGER, 2007; HIDALGO et al., 2007).

como a confiança entre os indivíduos e nas instituições -, e na qualidade das instituições dentro de uma sociedade, principalmente pela confiabilidade necessária entre as redes que permeiam a economia. Destaca-se que países com baixa diversidade produtiva e que depende imensamente da extração de produtos naturais sofrem, no geral, da captura política de suas instituições por grupos de interesses que espalham sua influência por meio da esfera econômica (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012; HAUSMANN *et al.*, 2015; HIDALGO, 2015). Para Sen (1999) as oportunidades econômicas, a liberdade política, a maior diversidade de escolha sociais - que permite a exploração dos interesses com base nas preferências pessoais dos indivíduos - são possíveis de serem alcançadas pelo desenvolvimento econômico, ou em outras palavras, pela sofisticação da estrutura produtiva. Na mesma linha de pensamento, Hartmann (2014) destaca o papel da disponibilidade de escolha de ocupações e do sistema político, processos de aprendizado, valores e desejos e qualidade de vida como fatores influenciados pela diversificação econômica, e pelas redes sociais que estão presentes na estrutura produtiva, e que conseqüentemente, afetam o bem-estar de indivíduos e o direcionamento de capacidades demandadas em uma sociedade.

2.4 EFEITOS DA SOFISTICAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA SOBRE O BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS INDIVÍDUOS

Com base no referencial desenvolvido previamente, busca-se na presente subseção apresentar e analisar a influência da complexidade econômica, ou em outras palavras, o nível de sofisticação da estrutura produtiva, sobre a sociedade, em especial sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

2.4.1 Positivos

Segundo pesquisadores como Gala (2017) e Gala *et al.* (2018) foram encontradas evidências para que no longo prazo a complexidade econômica depende do esforço e habilidade dos países em gerarem empregos em setores avançados. Em regiões em que a estrutura produtiva é mais sofisticada, esperar-se-á maiores possibilidades de empregos com níveis salariais e condições de trabalho melhores que lugares onde a estrutura produtiva é menos sofisticada. Hartmann (2014) destaca a melhor qualidade das escolhas ocupacionais, bens de consumo, estilo de vida e distribuição de poder político e social que uma sociedade complexa baseada em setores avançados – como setores tecnológicos – apresenta, em comparação a uma

baseada na exploração de recursos minerais ou na agricultura de subsistência. Além do mais, em sociedades que demonstram estrutura produtiva complexa, a qualidade e as inovações em infraestrutura facilitam a comunicação e o transporte entre indivíduos - permitindo melhor mobilidade e acesso a mais informações e escolhas -, e diminuem a vulnerabilidade a choques econômicos externos. Da mesma maneira, menores níveis de desigualdade e instituições sólidas e inclusivas são encontradas em sociedades com maiores níveis de complexidade econômica (HARTMANN *et al.*, 2017). Nesse sentido, os fatores previamente mencionados, podem ser relacionados com os aspectos socioeconômicos e demográficos, e que com base na literatura, são propensos a elevação da felicidade dos indivíduos, dado que melhoraram a qualidade da vida geral da sociedade.

Ainda assim, a complexidade econômica demonstra uma maneira indireta de mensurar a qualidade do desenvolvimento, dado que alguns aspectos, como os socioeconômicos e demográficos, são de difícil mensuração de sua qualidade. Como um exemplo prático, a educação, em que países que apresentam quantidade de anos de estudo similares entre suas populações demonstram divergências em provas internacionais que medem a qualidade do ensino, como o *Program for International Student Assessment (PISA)*⁵; ou em países que demonstram taxa de desemprego similares, mas apresentam grande parte da população subempregada ou em empregos de baixa remuneração e condições de trabalho ruins; ou ainda na qualidade das instituições, como de saúde pública, que devem proporcionar a sua população uma infraestrutura e atendimento digno. Todos esses fatores podem ser captados - em maior ou menor intensidade -, pela complexidade econômica, pois a interação entre esses fatores determinará a capacidade inovativa e de produção de produtos mais sofisticados na sociedade, o que assim como apresentado anteriormente, elevará o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

No mais, autores como Fritz e Manduca (2021) que analisaram dados do EUA, encontraram evidências que em regiões com maiores níveis de complexidade econômica – no caso as maiores cidades e os estados que compõem o nordeste dos EUA – apresentam, no geral, renda *per capita* significativamente mais alta do que regiões com complexidade econômica mais baixa. Outros estudos como os Chávez, Mosqueda e Gómez-Zaldivar (2017) e Chakraborty, Inoue e Fujiwara (2020) também encontraram resultados similares entre as regiões do México e as prefeituras do Japão, respectivamente. Esses fatos demonstram que a

⁵ Para uma análise na temática, consultar Sulis, Giambona e Porcu (2020).

complexidade econômica impacta na renda nacional, assim como nos aspectos qualitativos do desenvolvimento, demonstrando melhores perspectivas futuras de desenvolvimento e bem-estar a populações de economias mais complexas, seja através de melhores empregos, educação, saúde e renda, e conseqüentemente, maior robustez a choques externos ou crises.

Tais estudos demonstram que o aprimoramento da sofisticação da estrutura produtiva, ou seja, de sua complexidade econômica, resulta em melhores condições de vida a sociedade, que impactam direta e indiretamente o bem-estar subjetivo dos indivíduos que a compõem.

2.4.2 Negativos

A elevação da complexidade econômica não somente ocasiona efeitos positivos sobre o bem-estar subjetivo de uma sociedade, mas também efeitos negativos. Para Hartmann (2014) e Schwartz (2004) a elevação da sofisticação da estrutura produtiva influencia negativamente o bem-estar da sociedade, dado que com a elevação da complexidade dos processos decisórios e disponibilidade de escolha entre bens e produtos, existe a elevação das expectativas dos indivíduos, assim como a paralisia na tomada de decisões. Além disso, Hartmann (2014) destaca que a diversificação econômica e destruição criativa também afeta a disponibilidade de empregos em setores que se tornam obsoletos, ocasionando desemprego e queda de renda entre os indivíduos que não conseguem acompanhar a evolução do conhecimento presente em setores mais complexos, o que sem dúvidas, ocasionará a diminuição do bem-estar subjetivo nos atores diretamente afetados, mas que também pode afetar o todo da sociedade indiretamente, como pela elevação da criminalidade. Um exemplo prático desse efeito indireto foi em Detroit, nos Estados Unidos, que segundo Lopez *et al.* (2012), após as mudanças estruturais ocorridas na cidade pela saída de empresas da indústria automobilística, a falta de empregos formais e a diminuição da renda disponível levaram grupos sociais minoritários à marginalização, e conseqüentemente a elevação da criminalidade, tráfico de drogas e tiroteios na região. No mais, as diferenças de sofisticação da estrutura produtiva entre as regiões podem levar ao subdesenvolvimento e a marginalização entre lugares, dado que a migração de trabalhadores qualificados será direcionada para polos onde se encontram as melhores oportunidades, ou seja, regiões mais sofisticadas.

Na mesma linha de pensamento, os efeitos da maior competição e pressão social no trabalho e na educação ocasionados pela elevação da complexidade econômica eclodem na

perspectiva de vida dos membros da sociedade, o que pode ocasionar o desenvolvimento de doenças mentais que afetam negativamente a felicidade dos indivíduos. Nessa perspectiva, pesquisas como de Levecque *et al.* (2017) e Evans *et al.* (2018) encontraram evidências empíricas em distintos países para níveis elevados de estresse, ansiedade e depressão entre estudantes de diferentes fases, como graduandos, mestrands e doutorandos. Entre os motivos que foram destacados como gatilhos para tal cenário estão o ambiente e a cultura acadêmica, a insegurança financeira, a falta de suporte social, as condições e carga de trabalho e as políticas presentes nas organizações.

Ainda como destacou Balland *et al.* (2020) sobre o processo de concentração de atividades complexas em grandes centros urbanos e em lugares densamente povoados, podemos inferir que não ocasiona somente efeitos positivos sobre a felicidade dos indivíduos. Nesse sentido, essas cidades apresentam resultados negativos da elevação da sua sofisticação da estrutura produtiva, que podem ser observados na mobilidade – como pelo intenso trânsito -, nos maiores níveis de poluição – como pela baixa qualidade do ar e pela alta poluição sonora -, além da maior concorrência e *standards* no que se refere a empregabilidade. Em consequência disso, efeitos adversos sobre o bem-estar decorrentes da maior concentração de indivíduos podem ser fatores determinantes que impulsionam a elevação de níveis de estresse.

Apesar do exposto na subseção anterior, que demonstrou os benefícios que a sofisticação da estrutura produtiva provoca sobre a felicidade, a presente subseção demonstrou com base na literatura que a complexidade também ocasiona efeitos negativos, que são percebidos por meio dos dilemas presentes nas sociedades.

3 METODOLOGIA

O processo de ampliação do conhecimento científico depende da análise minuciosa dos fatos, desse modo, a ciência utiliza-se do método científico como instrumento essencial na corroboração da autenticidade dos fatos. Para Gil (2002) o método científico pode ser entendido como um conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para se chegar ao conhecimento.

Em vista disso, o presente trabalho baseia-se no método científico e busca aplicar suas etapas de forma a alcançar os objetivos definidos, através de uma pesquisa descritiva, dado que busca a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, ao relacionamento entre variáveis analisadas. No mais, aplicar-se-á o método comparativo e o método estatístico para complementar a análise. No que se refere ao primeiro método, é necessário para o entendimento das semelhanças e diferenças presentes entre as sociedades que serão analisadas. Já o segundo, permitirá a estimação e inferência de descrições quantitativas mais apuradas dos resultados encontrados por meio da aplicação de procedimentos estatísticos e econométricos. Tais métodos permitirão uma análise tanto qualitativa como quantitativa dos objetivos que permeiam o trabalho (GIL, 2002; LAKATOS; MARCONI, 2017).

Com base nisso, a presente seção tem como finalidade apresentar os dados utilizados para o cumprimento dos objetivos propostos, a análise exploratória dos dados, assim como a exposição do método econométrico empregado para a obtenção dos resultados que serão apresentados posteriormente.

3.1 DADOS

Com base na 7^a onda conduzida globalmente entre 2017 a 2020 pelo *World Values Survey* (WVS)⁶ foram obtidos dados *cross-section* que são representativos da população de diversas sociedades⁷. A base de dados do WVS apresenta a percepção dos indivíduos para

⁶ O WVS faz entrevistas guiadas com os indivíduos selecionados, dessa forma, as respostas coletadas são em sua maioria pré-determinadas pelo entrevistador, restando ao entrevistado somente escolher a alternativa que o melhor representa. Tal fato faz com que a maior parte dos dados tenha natureza binária (*dummies*) ou categórica.

⁷ Entre as 41 sociedades que constam entre os dados selecionados estão: Canadá, China, Indonésia, Hong Kong, Bolívia, Paquistão, Austrália, Colômbia, Estados Unidos, Irã, México, Brasil, Rússia, Peru, Malásia, Filipinas, Nicarágua, Zimbábue, Bangladesh, Etiópia, Nigéria, Tailândia, Grécia, Quirguistão, Taiwan, Iraque,

diferentes categorias, como desde aspectos culturais até a atitudes em relação às instituições multilaterais, ou seja, cobre diversos aspectos na vida de um indivíduo. Nesse sentido, após o processo de limpeza, tratamento e organização dos dados em *python*, obteve-se uma amostra com micro dados para aproximadamente 17 mil indivíduos, que demonstram suas respostas as questões levantadas para um determinado ano – entre 2017 a 2020 -, a depender do momento que tal questionário foi aplicado no país de residência do indivíduo⁸ (INGLEHART *et al.*, 2020).

Com base nessa base de dados, foram selecionadas as variáveis de controle com base no exposto no referencial teórico, com o propósito de atingir os objetivos apontados. As variáveis são apresentadas a seguir.

3.1.1 Variável dependente

Bem-estar subjetivo: A variável resposta selecionada para representar o bem-estar subjetivo foi “Juntando todas as coisas, você diria que é: 1 – Feliz ou 0 - Infeliz”.

No que se refere a validade de tal indicador, Krueger e Schkade (2008) analisaram a confiabilidade de indicadores de bem-estar subjetivo, e demonstraram que tais indicadores apresentam, no geral, confiabilidade média em relação a variáveis microeconômicas, como renda e educação⁹. Apesar disso, tal resultado não descarta a utilização de tais indicadores como forma de mensurar a felicidade entre indivíduos, como já exposto pelos diversos estudos sobre o bem-estar subjetivo observados nas diferentes áreas da literatura. Na mesma linha de pensamento, para Frey e Stutzer (2002b) o bem-estar subjetivo é uma medida válida e empiricamente adequada para inferir o bem-estar de um indivíduo.

3.1.2 Variáveis independentes

Variável de interesse

Myanmar, Porto Rico, Tunísia, Coreia do Sul, Cazaquistão, Ucrânia, Andorra, Guatemala, Sérvia, Romênia, Equador, Chipre, Chile, Argentina e Macau.

⁸ Na Tabela 5 do Apêndice A se encontra o ano e a quantidade de indivíduos entrevistados por país da amostra de dados.

⁹ Para os autores tal resultado provém provavelmente de uma análise não sistemática que uma pergunta como a relacionado ao bem-estar subjetivo invoca, pois tais medidas são vulneráveis as influências transitórias baseadas em informações assimétricas e arbitrarias, como a percepção de humor do indivíduo ou a situação do tempo/clima no dia (KRUEGER; SCHKADE, 2008).

Sofisticação da estrutura produtiva: Como forma de obter uma variável *proxy* para representar a sofisticação da estrutura produtiva entre os diferentes países foi selecionado o Índice de Complexidade Econômica (ICE), índice que calcula a diversidade produtiva de um país em relação a diversidade produtiva de outros países com base nas atividades econômicas desenvolvidas, e que representam as capacidades não-transacionáveis destacada no referencial teórico. Desse modo, a interpretação da variável *proxy* demonstra que maiores valores no ICE representam maior sofisticação da estrutura produtiva, o em outras palavras maior complexidade econômica, por outro lado, menores valores demonstram menor sofisticação produtiva (HAUSMANN *et al*, 2015; OEC, 2022).

Variáveis socioeconômicas

- Renda: Variável categórica selecionada para representar a escala de renda com a qual o indivíduo se autointitula, como baixa renda, média renda e alta renda;
- Desemprego: Variável categórica que representa se o indivíduo está desempregado ou não;
- Democracia: Variável quantitativa que apresenta uma escala de 1 a 10 e que representa a percepção da democracia dos indivíduos em diferentes países, demonstrando que quanto maior, mais democrático é o país.

Variáveis demográficas

- Idade: Variável quantitativa que representa a idade do indivíduo entrevistado em anos;
- Idade²: Variável quantitativa que capta a relação não linear da idade;
- Gênero: Variável categórica que demonstra que o indivíduo se considera homem;
- Cor ou Raça: Variável categórica que apresenta se o indivíduo se autointitula branco ou não;
- Saúde: Variável categórica que demonstra a percepção de saúde do indivíduo, se ela está muito boa, boa, razoável, ruim ou muito ruim;
- Casamento (Estado civil): Variável categórica que demonstra se o indivíduo está casado, separado, solteiro, vivendo juntos ou viúvo;

- **Urbanização:** Variável categórica que representa um indicador se o indivíduo vive em área urbana ou não.

3.1.3 Análise exploratória

A presente subseção busca apresentar uma análise exploratória dos dados de forma agregada, demonstrando os resultados para as variáveis que serão utilizadas na próxima seção. Será apresentado tabelas com análises estatísticas descritivas e uma matriz de correlação para as variáveis do modelo. Posteriormente, será apresentado um gráfico de dispersão analisando o bem-estar subjetivo médio e a sofisticação da estrutura produtiva, uma figura com o ranking dos países com os maiores e menores níveis de infelicidade, assim como um gráfico da variabilidade do bem-estar subjetivo entre os países desenvolvidos e emergentes. No mais também será apresentado um gráfico a nível individual comparando a felicidade dos indivíduos e o nível da sofisticação da estrutura produtiva de seu país de residência.

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas para as variáveis quantitativas selecionadas.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas (variáveis quantitativas)

Variáveis	Média	Mediana	Desvio padrão	Assimetria	Curtose	Máximo	Mínimo
<i>Sofisticação da estrutura produtiva</i>	0,00	-0,08	1,00	0,16	2,21	2,35	-1,93
<i>Democracia</i>	6,21	7,00	2,88	-0,40	2,12	10	1
<i>Idade</i>	40,79	38	15,92	0,54	2,47	99	16
<i>Idade²</i>	1917,89	1444	1464,12	1,19	4,07	9801,00	256,00

Fonte: Elaboração própria.

As estatísticas demonstram que para a amostra de dados que representam a sofisticação da estrutura produtiva – nesse caso o índice de complexidade econômica - a média é centralizada em zero com desvio padrão de 1, com valor máximo de 2,35 e o mínimo de -1,93. No que se refere a democracia, os resultados demonstram que a maior parte dos indivíduos vivem em um país democrático, dado que a média e mediana apresentam valores de 6,2 e de 7 numa escala até dez, respectivamente. Ainda assim, tal indicador apresenta desvio padrão de 2,88 e

assimetria de -0,40 – o que representa que as observações se concentram em maior proporção do lado direito da média. Em relação a idade, os resultados demonstram que os indivíduos se concentram com aproximadamente 40 anos e desvio padrão de quase 16 anos, apresentando ainda indivíduos mais velhos com 99 anos e os mais novos com 16 anos. No que se refere a idade², os valores não são interpretáveis, dado que objetivo desse indicador é somente analisar a relação não-linear entre idade e bem-estar subjetivo.

A Tabela 2 apresenta a análise descritiva dos dados com estatísticas para as variáveis qualitativas selecionadas.

Tabela 2 – Estatísticas descritivas (variáveis *dummies*)

Variáveis	Proporção/frequência	Mediana	Máximo	Mínimo
<i>Bem-estar subjetivo</i>	0,92	1	1	0
<i>Alta renda</i>	0,12	0	1	0
<i>Média renda</i>	0,61	1	1	0
<i>Baixa renda</i>	0,26	0	1	0
<i>Desemprego</i>	0,07	0	1	0
<i>Homem</i>	0,48	0	1	0
<i>Branco</i>	0,05	0	1	0
<i>Saúde - Muito boa</i>	0,38	0	1	0
<i>Boa</i>	0,37	0	1	0
<i>Razoável</i>	0,18	0	1	0
<i>Ruim</i>	0,03	0	1	0
<i>Muito ruim</i>	0,01	0	1	0
<i>Estado civil – Casado</i>	0,57	1	1	0
<i>Separado</i>	0,05	0	1	0
<i>Vivendo juntos</i>	0,10	0	1	0
<i>Viúvo</i>	0,04	0	1	0

<i>Solteiro</i>	0,23	0	1	0
<i>Urbano</i>	0,60	1	1	0

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da Tabela 2 apresentam que, no geral, os indivíduos são felizes em distintos países, dado que com base na amostra 92% das respostas, - ou em outras palavras, a proporção de respostas – demonstram que os indivíduos se consideram felizes, ou seja, responderam 1 a pergunta relativa ao bem-estar subjetivo. No que se refere a renda, as frequências dos dados demonstram que a maior parte dos indivíduos está na renda média, com 61% da amostra, seguidamente por 26% na renda baixa e somente 12% na alta renda. Em relação aos desempregados, as estatísticas demonstram que cerca de 7% da amostra se enquadra nessa situação.

No que se refere aos indicadores demográficos os resultados da amostra demonstram que cerca de 48% da amostra é do gênero masculino e que apenas 5% se considera brancos. Em referência a condição de saúde física e mental dos indivíduos, cerca de 38% mencionaram que apresentam saúde muito boa; 37% demonstram saúde boa; 18% manifestaram saúde razoável; 3% exprimiram saúde ruim e 1% indicaram saúde muito ruim. No que concerne ao estado civil dos indivíduos da amostra, 57% demonstraram estar casados, 5% separados, 10% vivendo juntos, 4% são viúvos, e 23% estão solteiros. No que toca a localização onde cada indivíduo mora, cerca de 60% da amostra menciona que vivem em áreas urbanas.

Dado que as variáveis da Tabela 2 são binárias, o máximo e o mínimo que cada variável exprimiu foi 1 e 0, respectivamente. No que se refere a mediana das variáveis, cerca de 14 apresentaram mediana de 0 e outras 4 demonstraram mediana de 1.

A seguir é apresentado na Tabela 3 a matriz de correlação entre as variáveis selecionadas para o modelo - a exceção da variável idade², que como mencionada acima, busca somente analisar a relação não-linear entre idade e bem-estar subjetivo.

Tabela 3 – Matriz de correlação entre as variáveis

Var.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
1	1,00																				
2	0,06	1,00																			
3	0,06	-0,01	1,00																		
4	0,06	0,02	-0,46	1,00																	
5	-0,15	-0,01	-0,22	-0,75	1,00																
6	-0,12	-0,08	-0,04	-0,08	0,11	1,00															
7	0,15	0,08	0,06	-0,00	-0,04	-0,05	1,00														
8	-0,03	0,24	-0,03	-0,03	0,06	-0,06	0,06	1,00													
9	-0,01	0,00	0,03	-0,00	-0,01	0,02	0,01	0,03	1,00												
10	0,01	0,03	0,00	0,05	-0,05	-0,04	0,04	0,12	-0,50	1,00											
11	0,16	0,00	0,06	0,03	-0,07	-0,03	0,06	-0,13	0,02	-0,00	1,00										
12	0,09	0,04	0,00	0,02	-0,03	-0,03	-0,00	-0,00	0,00	0,01	-0,61	1,00									
13	-0,11	-0,04	-0,05	-0,02	0,07	0,03	-0,04	0,11	-0,03	-0,02	-0,37	-0,37	1,00								
14	-0,26	-0,01	-0,03	-0,06	0,09	0,06	-0,04	0,08	-0,00	0,00	-0,15	-0,15	-0,09	1,00							
15	-0,27	-0,02	-0,02	-0,06	0,08	0,06	-0,04	0,03	0,00	-0,00	-0,08	-0,09	-0,05	-0,02	1,00						
16	0,03	0,04	-0,00	-0,00	0,00	-0,10	0,08	0,26	0,00	-0,00	0,02	-0,02	-0,00	0,00	-0,00	1,00					
17	-0,04	0,03	-0,01	-0,01	0,02	0,02	-0,03	0,08	-0,05	0,04	-0,03	0,00	0,02	0,00	0,00	-0,27	1,00				
18	0,05	-0,00	-0,00	0,00	0,00	0,00	-0,04	-0,09	-0,00	-0,01	-0,04	0,03	0,04	-0,02	-0,02	-0,39	-0,08	1,00			
19	-0,07	0,02	-0,02	-0,03	0,05	-0,00	-0,00	0,28	-0,11	0,04	-0,06	-0,01	0,06	0,05	0,03	-0,23	-0,04	-0,07	1,00		
20	-0,01	-0,08	0,02	0,02	-0,04	0,10	-0,05	-0,43	0,07	-0,02	0,04	0,00	-0,06	-0,02	0,00	-0,63	-0,12	-0,18	-0,11	1,00	
21	-0,02	0,16	0,04	0,06	-0,10	-0,00	-0,07	0,03	0,00	0,09	-0,03	0,03	0,00	-0,02	-0,00	-0,13	0,05	0,06	-0,00	0,08	1,00

Variáveis: 1 – Bem-estar subjetivo; 2 – Sofisticação da estrutura produtiva; 3 – Alta renda; 4 – Média renda; 5 – Baixa renda; 6 – Desempregado; 7 – Democracia; 8 – Idade; 9 – Homem; 10 – Branco; 11 – Saúde: Muito boa; 12 – Boa; 13 – Razoável; 14 – Ruim; 15 – Muito Ruim; 16 – Estado Civil: Casado; 17 – Separado; 18 – Vivendo juntos; 19 – Viúvo; 20 – Solteiro; 21 – Urbano. Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da Tabela 3 indicam que existe uma correlação positiva fraca entre bem-estar subjetivo dos indivíduos e sofisticação da estrutura produtiva, mas será melhor explorada pelo desenvolvimento de um modelo logístico com *odds ratio* e com outras variáveis de controle, apresentando maior robustez nos resultados. Além disso, a matriz de correlação demonstra outros resultados que seguem com o exposto na literatura, como uma correlação negativa em diferentes intensidades entre o bem-estar subjetivo e características apresentadas pelos indivíduos como baixa renda, estar desempregado, apresentar saúde ruim, e ser viúvo. Por outro lado, outras características se correlacionaram de forma positiva com a felicidade na amostra, como ter uma renda alta, viver numa democracia, estar saudável, ter um relacionamento benéfico, como viver juntos ou estar casado.

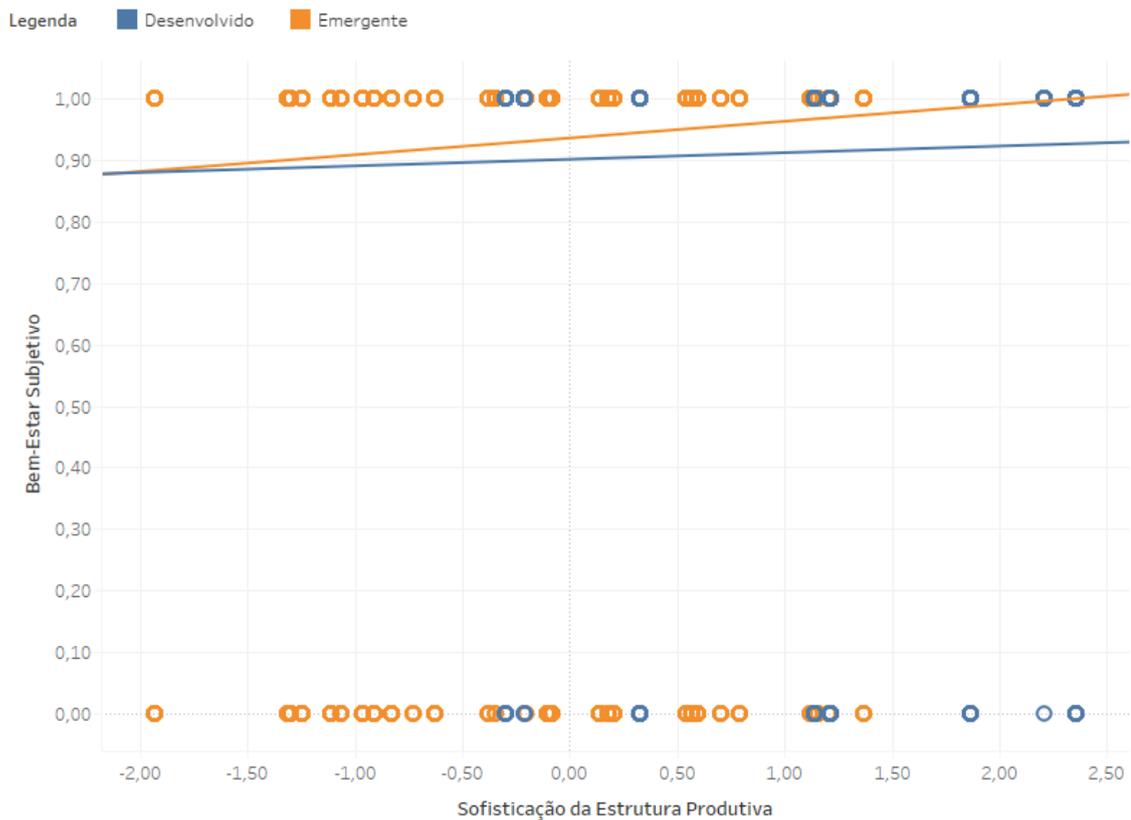
No que corresponde a sofisticação da estrutura produtiva, os valores encontrados na Tabela 3 demonstram que existe uma correlação positiva fraca com a democracia, e uma correlação mais forte com áreas urbanas – resultado que pode ser sustentado pela literatura em complexidade econômica, principalmente no estudo de Fritz e Manduca (2021). No mais, outros resultados que a matriz apresentou, e que podem ser mencionados, é o fato de existir uma correlação positiva fraca entre pessoas com baixa renda e que estão desempregadas, e com indivíduos que dispõem de uma saúde ruim; e uma correlação negativa fraca entre indivíduos com baixa renda e regiões urbanas.

Destaca-se ainda, com base na Tabela 3, que os resultados para a variável idade seguem com a literatura, demonstram correlação negativa fraca com saúde boa e correlação positiva fraca com uma saúde ruim, ou seja, com o aumento da idade espera-se a deterioração da saúde dos indivíduos; no mais tal variável tem correlação negativa moderada com estar solteiro e positiva moderada com ser viúvo, o que pode ser entendido como as mudanças no estado civil do indivíduo no decorrer do tempo.

Em relação ao bem-estar subjetivo dos indivíduos e a sofisticação da estrutura produtiva, a Figura 1 apresenta um gráfico de dispersão com dados a nível individual para os

diferentes países classificados entre desenvolvidos¹⁰ e emergentes¹¹ segundo o critério do Banco Mundial (THE WORLD BANK, 2022b).

Figura 1 – Relação entre bem-estar subjetivo do indivíduo e sofisticação da estrutura produtiva



Fonte: Elaboração própria.

Apesar de não ser facilmente observável na Figura 1, devido a quantidade de pontos que representam os indivíduos, a maior concentração de indivíduos se encontra no ponto 1 do eixo vertical, que se refere as pessoas felizes¹². As linhas de tendência também apresentam

¹⁰ Entre os países selecionados para compor o grupo dos desenvolvidos com base no critério do Banco Mundial estão: Canadá, Hong Kong, Austrália, Grécia, Estados Unidos, Taiwan, Porto Rico, Coreia do Sul, Andorra, Chile, Chipre e Macau (THE WORLD BANK, 2022b).

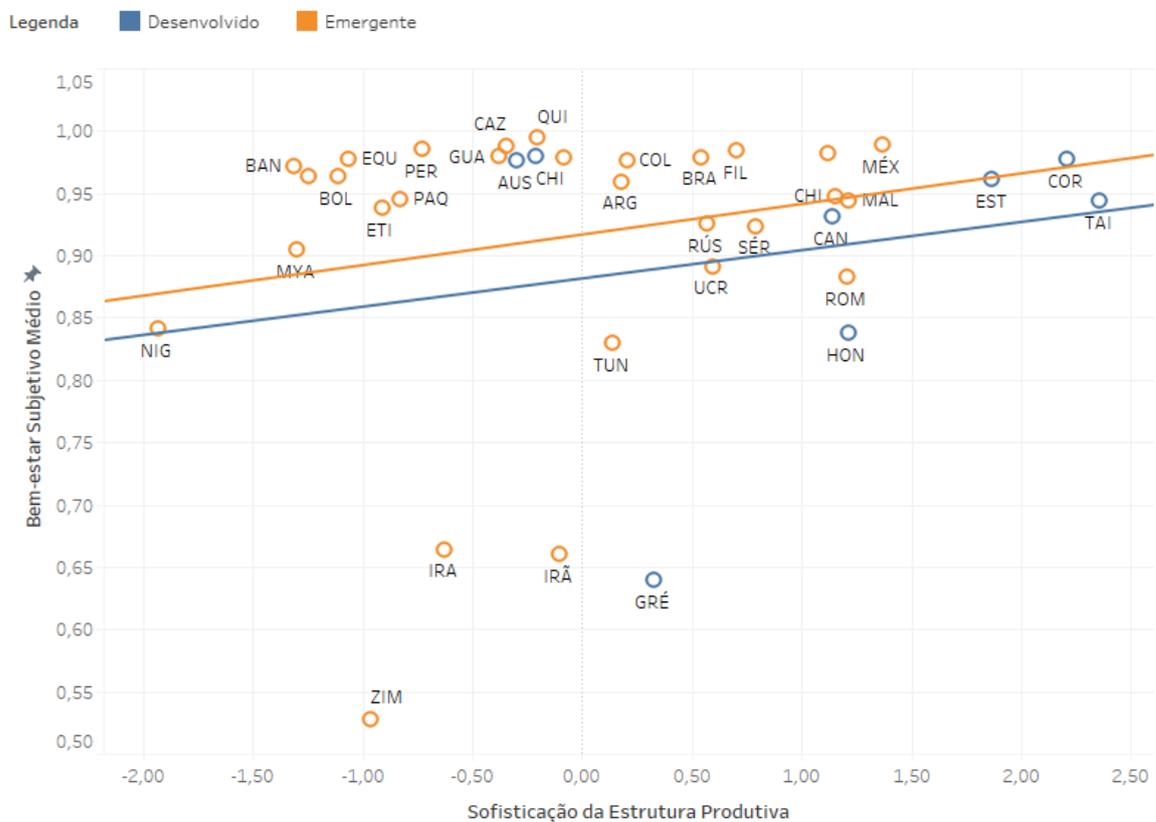
¹¹ Entre os países selecionados para compor o grupo dos emergentes com base no critério do Banco Mundial estão: China, Indonésia, Bolívia, Paquistão, Colômbia, Irã, México, Brasil, Rússia, Peru, Malásia, Filipinas, Nicarágua, Zimbábue, Bangladesh, Nigéria, Tailândia, Quirguistão, Iraque, Myanmar, Tunísia, Cazaquistão, Ucrânia, Guatemala, Sérvia, Romênia, Equador e Argentina (THE WORLD BANK, 2022b).

¹² A intensidade das cores dos pontos também ajuda na visualização da distribuição dos indivíduos na Figura 1.

informações úteis, demonstrando que, no geral, com a elevação da sofisticação da estrutura produtiva, mais pessoas se consideram felizes.

No que se refere a relação entre bem-estar subjetivo e a sofisticação da estrutura produtiva de forma agregada nos países, a Figura 2 apresenta um gráfico de dispersão para os países da amostra classificados como desenvolvidos e emergentes.

Figura 2 – Relação entre bem-estar subjetivo médio do país e sofisticação da estrutura produtiva



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 2 demonstra que, no geral, a maior parte dos indivíduos nos países se considera “feliz”, tanto em países classificados como emergentes como em desenvolvidos. Tal resultado pode ser inferido principalmente por na maior parte dos países a proporção de pessoas felizes supera 80% da amostra de indivíduos, a exceção de 4 países. Nesse sentido, países emergentes como Zimbábue, Irã e Iraque apresentam, concomitantemente a Grécia, os menores níveis de bem-estar subjetivo médio entre os países analisados, alguns fatores que podem ser

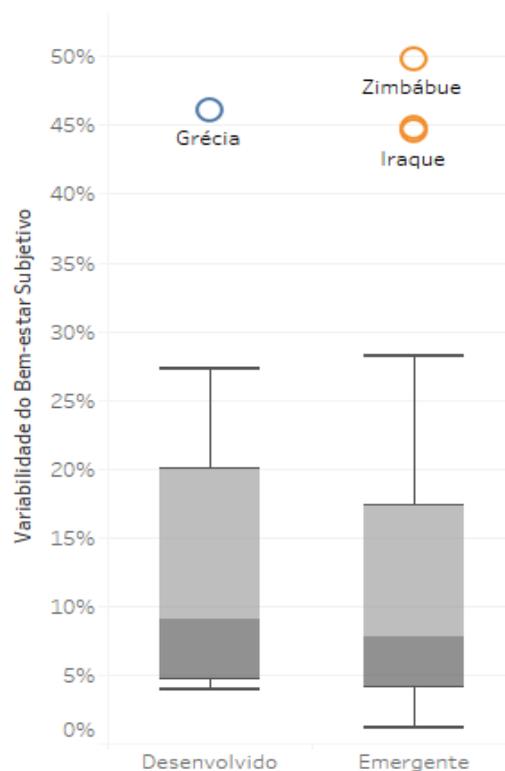
determinantes para esse resultado são as crises econômicas crônicas e as instabilidades políticas e civis que afligem esses territórios em maior ou menor intensidade.

No mais, a Figura 2 demonstra que tanto a linha de tendência para os países desenvolvidos, como para os países emergentes, apresenta inclinação positiva. Nesse sentido, espera-se que com a elevação da sofisticação da estrutura produtiva, eleve-se também o bem-estar subjetivo médio. Ainda assim, as linhas de tendência demonstram que para o mesmo nível de sofisticação da estrutura produtiva, os países emergentes apresentam maior nível médio de bem-estar subjetivo que os países desenvolvidos.

Tais resultados, concomitantemente ao encontrado na matriz de correlação, geram evidências para uma relação positiva entre as variáveis, que serão verificadas posteriormente com métodos econométricos mais robustos.

No que se refere a variabilidade do bem-estar subjetivo, Figura 3 apresenta a variabilidade da felicidade entre os indivíduos que compõem os países selecionados.

Figura 3 – Variabilidade do bem-estar subjetivo



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados demonstram que os países que apresentaram a maior variabilidade foram Zimbábue, Grécia, Irã e Iraque – tais países foram os que obtiveram os menores níveis de bem-estar subjetivo médio, como exposto anteriormente na Figura 2. No mais a amostra de dados para somente os países emergentes demonstrou maior variabilidade que os desenvolvidos, como pode ser observado pelos valores máximo e mínimo do *box plot* quando se desconsidera os *outliers*. No mais, para os países emergentes a mediana da amostra foi 8% de variabilidade, e o limite inferior (25%) e superior (75%) dos dados com 4% e 17%, respectivamente. Para os países desenvolvidos a mediana alcançou 9% de variabilidade, e os limites inferiores e superiores alcançaram 5% e 20% de variabilidade, respectivamente.

No que se refere aos níveis de infelicidade por país, a Figura 4 apresenta a relação de países com os 15 maiores e os 15 menores níveis de infelicidade entre a amostra de países selecionadas.

Figura 4 – Maiores e menores níveis de infelicidade por país

País	≡	País	≡
Zimbábue	47,2%	Quirguistão	0,6%
Grécia	36,1%	México	1,1%
Irã	33,9%	Cazaquistão	1,2%
Iraque	33,6%	Peru	1,4%
Tunísia	17,0%	Filipinas	1,6%
Hong_Kong	16,3%	Tailândia	1,8%
Nigéria	15,9%	Chile	2,0%
Romênia	11,7%	Guatemala	2,1%
Ucrânia	10,9%	Brasil	2,1%
Myanmar	9,6%	Indonésia	2,1%
Sérvia	7,6%	Equador	2,2%
Rússia	7,5%	Coreia_do_Sul	2,3%
Canadá	6,8%	Colômbia	2,3%
Etiópia	6,2%	Austrália	2,4%
Taiwan	5,6%	Bangladesh	2,8%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da Figura 4 demonstram que assim como já apresentado nas figuras anteriores, os maiores níveis de descontentamento entre os indivíduos que distorcem o ranking estão no Zimbábue, na Grécia, no Irã e no Iraque com cerca de 47%, 36%, 33% e 33%, respectivamente. Já no que se refere aos menores níveis de infelicidade países como o

Quirguistão, o México, o Cazaquistão e o Peru apresentaram somente 0,6%, 1,1%, 1,2% e 1,4% dos indivíduos da amostra infelizes, respectivamente.

3.2 MODELAGEM

Devido à natureza dicotômica de nossa variável resposta, para fins de modelagem e resultados mais precisos, utilizar-se-á o modelo logístico para a estimação dos parâmetros com variáveis utilizadas.

3.2.1 Modelo logístico

Com base no exposto acima e devido à natureza binária da variável resposta, temos que em relação ao bem-estar subjetivo do indivíduo:

$$\begin{cases} 1, & \text{se feliz} \\ 0, & \text{se infeliz} \end{cases} \quad (1)$$

Desse modo, utilizar-se-á o modelo logístico como forma de obter $P_i = \Pr(Y=1|X_i)$, que pode ser compreendido como a probabilidade de obtermos sucesso, nesse caso o indivíduo ser feliz, dado um conjunto de variáveis explicativas apresentadas anteriormente. Para Cramer (2003) os modelos logísticos se encontram na classe dos modelos de probabilidade que determinam probabilidades sobre um número limitado de resultados.

Dessa maneira, a função com a qual o presente trabalho se fundamentará para o obter os objetivos propostos apresenta a seguinte estrutura:

$$Pr(Y_i = 1|X_i) = \frac{\exp(\beta_0 + \beta_1 X_i)}{1 + \exp(\beta_0 + \beta_1 X_i)} \quad (2)$$

Que também pode ser encontrada da seguinte forma:

$$Pr(Y_i = 1|X_i) = \frac{1}{1 + \exp(\beta_0 + \beta_1 X_i)} \quad (3)$$

A equação (3) é conhecida com a função de distribuição logística acumulada, onde se calcula a probabilidade acumulada para determinado valor de X_i (GUJARATI, 2008; WOOLDRIDGE, 2020).

Nesse sentido, para os dados selecionados para o presente trabalho, a equação (2) se expandirá para a seguinte estrutura:

$$Pr(Y_i = 1 | COM_i, SOC_i, DEM_i) = \frac{\exp(\beta_0 + \beta_1 COM_i + \beta_2 SOC_i + \beta_3 DEM_i)}{1 + \exp(\beta_0 + \beta_1 COM_i + \beta_2 SOC_i + \beta_3 DEM_i)} \quad (4)^{13}$$

Em que na equação (4) temos:

- Y_i , se refere a variável resposta, o bem-estar subjetivo;
- COM_i , se refere a variável de interesse, a sofisticação da estrutura produtiva;
- SOC_i , se refere ao conjunto de variáveis socioeconômicas;
- DEM_i , se refere ao conjunto de variáveis demográficas.

Nesse sentido, o parâmetro β_0 é a constante, e os coeficientes β_1 até β_3 representam a inclinação da curva com base na complexidade e o conjunto de variáveis apresentadas acima. Além disso, o modelo conta com $i = 1 \dots 17.077$ observações. No mais, o modelo será desenvolvido utilizando-se o *odds ratio*¹⁴, que é compreendido como o valor obtido por meio da exponencialização de cada parâmetro obtido na regressão logística. Tal manipulação permite a interpretação com maior facilidade dos resultados em termos de probabilidade, pois os valores maiores que 1 representam associação positivo do parâmetro, e valores abaixo 1 representam associação negativa. Destaca-se ainda que para obter os resultados do modelo acima apresentado foi utilizado o software estatístico *Stata 13*.

¹³ A equação 4 foi simplificada com a utilização dos conjuntos de variáveis de cada categoria para a facilitação do entendimento, apesar disso, na seção “Resultados e discussão” a apresentação ocorrerá de forma estendida para cada conjunto de variáveis.

¹⁴ Em português tal método é conhecido como “razão de chance”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção busca apresentar os resultados encontrados a partir da modelagem dos dados e testar as hipóteses desenvolvidas no referencial teórico, assim como analisar com maior robustez as evidências encontradas na análise exploratória dos dados. No mais será apresentado os resultados para a amostra de dados completa, e para os países desenvolvidos e emergentes.

4.1 MODELOS

A Tabela 4 apresenta os resultados estimados para os modelos logísticos com *odds ratio*, - para analisar os modelos logísticos sem *odds ratio*, consultar a Tabela 7 no Apêndice A. Desse modo, o modelo 1 reproduz toda a amostra sem a variável referente a sofisticação da estrutura produtiva; o modelo 2 representa toda a amostra com a variável de interesse – ICE; o modelo 3 contém somente os países emergentes com a variável de interesse; e o modelo 4 com os países desenvolvidos e o ICE. Nesse sentido, todas as variáveis dos modelos passaram no teste VIF (*Variance Inflation Factor*)¹⁵ para multicolinearidade - a exceção das variáveis idade e idade², mas que devido aos objetivos do trabalho foram mantidas -, o que demonstra ausência de colinearidade entre as variáveis. Todos os modelos apresentam as variáveis de controle - tanto as socioeconômicas quanto as demográficas -, como também estatísticas, como o pseudo-R², VIF médio e o número de observações.

Tabela 4 – Resultado dos modelos logísticos (*odds ratio*)

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<i>Sofisticação da estrutura produtiva</i>	-	1,2965*** (0,0520)	1,6092*** (0,0794)	1,4783*** (0,1663)
Socioeconômicas				
<i>Alta renda</i>	1,9125*** (0,3215)	1,8249*** (0,3060)	1,9813*** (0,3750)	1,0571 (0,4990)
<i>Baixa renda</i>	0,5004*** (0,0371)	0,4748*** (0,0360)	0,5127*** (0,0437)	0,3135*** (0,0660)
<i>Média renda</i>	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)
<i>Desemprego</i>	0,4852*** (0,0493)	0,5327*** (0,0557)	0,5523*** (0,0631)	0,2362*** (0,0903)

¹⁵ O VIF demonstra que valores menores que 7,00 representam ausência de colinearidade. No Apêndice A é apresentado os resultados do VIF para cada variável independente.

<i>Democracia</i>	1,1817*** (0,0140)	1,1734*** (0,0141)	1,1706*** (0,0159)	1,2506*** (0,0508)
Demográficas				
<i>Idade</i>	0,9890 (0,0135)	0,9805 (0,0138)	0,9758 (0,0163)	0,9398* (0,0325)
<i>Idade^2</i>	1,0002 (0,0001)	1,0002* (0,0001)	1,0004** (0,0001)	1,0005 (0,0003)
<i>Gênero (homem)</i>	0,8086*** (0,0584)	0,7907*** (0,0585)	0,8110** (0,0674)	0,6335** (0,1300)
<i>Cor (Branco)</i>	1,3285* (0,2236)	1,2565 (0,2126)	0,7515 (0,1453)	6,4599*** (2,9679)
<i>Saúde – Muito boa</i>	7,6310*** (0,8820)	7,5172*** (0,8875)	7,1947*** (0,9385)	19,0185*** (6,4943)
<i>Boa</i>	3,0703*** (0,2704)	2,9696*** (0,2690)	3,1699*** (0,3243)	3,7310*** (0,9013)
<i>Ruim</i>	0,2179*** (0,0240)	0,2233*** (0,0253)	0,2094*** (0,0262)	0,3749*** (0,1284)
<i>Muito Ruim</i>	0,0861*** (0,0155)	0,0824*** (0,0159)	0,0824*** (0,0175)	0,0119*** (0,0132)
<i>Razoável</i>	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)
<i>Estado Civil – Casado</i>	1,0370 (0,1103)	1,0610 (0,1151)	0,8244 (0,1027)	4,3094*** (1,2012)
<i>Separado</i>	0,7207** (0,1102)	0,6974** (0,1101)	0,5875*** (0,1087)	2,3307** (0,3939)
<i>Vivendo juntos</i>	3,1725*** (0,5379)	3,3564*** (0,5907)	3,2070*** (0,6659)	3,7565*** (1,5477)
<i>Viúvo</i>	0,4925*** (0,0857)	0,4608*** (0,0812)	0,3496*** (0,0707)	0,9522 (0,4157)
<i>Solteiro</i>	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)	1 (omitida)
<i>Urbano</i>	0,8323** (0,0624)	0,7022*** (0,0543)	0,7712*** (0,0656)	0,7596 (0,2281)
<i>Constante</i>	4,3161*** (1,2522)	6,5467*** (1,9507)	8,5441*** (2,9526)	2,4518 (2,1342)
Observações	17.077	15.990	12.920	2.685
Pseudo R ²	0,2684	0,2757	0,2834	0,4256
VIF Médio	5,23	5,00	5,04	5,88
Log pseudoprobabilidade	-2.198,50	-2.047,89	-1646,98	-258,73

Os coeficientes das variáveis estão em *odds ratio* (razão de chance). *, ** e *** indicam nível de significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente. Em parênteses se encontram os erros padrões robustos. Foram utilizados pesos de amostragem para que indivíduos em distintos países apresentem a mesma importância nos modelos.

Fonte: Elaboração própria.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os modelos logísticos com *odds ratio* desenvolvidos apresentaram capacidade de explicação da variável dependente em cerca de 27% - a exceção do modelo 4, que quase alcançou os 43%. Apesar disso, como destacado nos objetivos do presente trabalho, em nenhum momento buscou-se obter o modelo com o maior poder de explicação, mas sim entender como se desenvolve a relação entre as variáveis, dado que como exposto na literatura, diversas outras variáveis não utilizadas no presente trabalho também impactam o bem-estar subjetivo dos indivíduos, mas que fogem ao proposto inicialmente.

Assim sendo, no que se refere a sofisticação da estrutura produtiva, os modelos 2, 3 e 4 demonstram que os resultados estimados para a influência da complexidade da estrutura produtiva sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos foi positiva e estatisticamente significativa¹⁶. Nesse sentido, o modelo 2 – que representa todos os países da amostra -, demonstra uma estimativa da probabilidade de um indivíduo ser feliz para cada mudança unitária na sofisticação da estrutura produtiva aumenta por um fator de 1,29. Na mesma linha de análise, o modelo 3 - que reproduz somente os países emergentes -, evidenciou uma estimativa que a probabilidade do indivíduo ser feliz aumente em um fator de 1,60 para cada elevação unitária da variável *proxy* da sofisticação da estrutura produtiva, o ICE. No último modelo, o que trata somente dos países desenvolvidos, houve uma redução do parâmetro analisado em relação ao modelo 3 – cerca de 13 pontos percentuais -, mas que ainda é positivo e estatisticamente significativo, ou seja, apresentou um fator de 1,47 para cada variação unitária. Ainda assim, apesar da diferença de estimativa entre os resultados encontrados para a influência da sofisticação da estrutura produtiva sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos entre a amostra com países emergentes e com países desenvolvidos, essa diferença não é estatisticamente significativa, dado que para ambas as estimativas dos modelos, seus intervalos de confiança se sobrepõem, impossibilitando inferir qualquer diferença estatística entre os valores.

¹⁶ Destaca-se que a capacidade de explicação da variável dependente pelo modelo - ou em outras palavras, o pseudo-R²-, entre os modelos 1 e 2 aumentou em menos de 1% com a introdução da variável de interesse, a sofisticação da estrutura produtiva. Apesar de representar uma elevação percentual baixa da capacidade de explicação do modelo para toda a amostra, está de acordo com o exposto na literatura, que evidencia as diversas variáveis que impactam o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Com base no exposto no referencial teórico, principalmente nos estudos de Hartmann (2014) e Hartmann *et al.* (2017), podemos inferir a associação da sofisticação da estrutura produtiva por meio de benefícios diretos e indiretos que afetam, no geral, as sociedades. Nesse sentido, estruturas produtivas mais complexas apresentam melhores empregos e níveis salariais favoráveis do que lugares onde a estrutura produtiva é menos sofisticada; melhor qualidade de escolhas e bens de consumo; melhor qualidade da infraestrutura que facilita a comunicação e o transporte entre indivíduos; melhor distribuição do poder político e social; e instituições sólidas e inclusivas que permitem o respeito as liberdades individuais são encontradas com mais facilidade em sociedades com estrutura produtiva mais sofisticadas.

No que concerne as variáveis socioeconômicas, os resultados seguiram o que foi apresentado no referencial teórico. Nesse sentido, os modelos 1, 2 e 3 demonstraram evidências para que indivíduos com maiores níveis de renda, apresentassem maior probabilidade de serem felizes quando se utiliza o grupo com renda média com *baseline*. De forma oposta, baseando-se no mesmo *baseline*, os resultados dos quatros modelos demostram que a probabilidade de uma pessoa ser feliz com renda baixa, cai pela metade, sendo que para os países desenvolvidos, esse percentual cai quase 70% - tal fato pode ser explicado pelo efeito comparativo que renda tem entre os indivíduos, como nas evidências encontradas nos estudos de Clark, Frijters e Shields (2007) e Ferrer-i-Carbonell (2005) sobre a renda relativa.

No que concerne a democracia, como exposto no referencial teórico pelas evidências encontradas nos estudos de Altman, Flavin e Racliff (2017), Orviska, Caplanova e Hudson (2014) e Tov e Diener (2009), os resultados para o presente trabalho apresentaram evidências positivas e significantes da influência da democracia sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos. Nesse sentido, em todos os modelos analisados, a elevação da democracia em uma unidade – dado que apresenta uma escala entre 1 a 10 – representa um aumento na probabilidade do indivíduo se autointitular feliz por um fator de pelo menos 1,17 entre os modelos 1 a 3, e por um fator de 1,25 no modelo com dados dos países desenvolvidos.

Em referência ao desemprego os resultados foram significantes para os todos os modelos, e seguiram com hipótese estabelecida no referencial teórico. Nesse sentido, os modelos demonstraram que os indivíduos que estavam desempregados apresentavam redução significativa da probabilidade de estarem felizes em comparação a indivíduos não-desempregados. Para os países desenvolvidos – modelo 4 –, tal resultado foi ainda mais

marcante, demonstrando que um indivíduo desempregado tem aproximadamente 76%¹⁷ menor probabilidade que um indivíduo não-desempregado de se autointitular feliz. Tal estimativa para os países desenvolvidos, pode ser amparada pelo estudo de Clark e Oswald (1994) que demonstraram que em lugares onde o nível de desemprego era alto, o efeito sobre o bem-estar do indivíduo era menor que em lugares onde o desemprego era mais baixo, demonstrando uma percepção relativa em relação ao desemprego pelos indivíduos.

As variáveis demográficas seguiram as hipóteses verificadas previamente na literatura, com nos trabalhos de Cuñado e Gracia (2012), Graham e Pozuelo (2017) e Sarracino (2013). Nesse sentido, no que se refere a idade, os modelos 2 e 3 demonstraram uma relação não linear entre idade e bem-estar subjetivo estatisticamente significativa. No que se refere a uma relação linear sinalizou-se no modelo 4 – que representa os países desenvolvidos - que a elevação da idade diminuiu a probabilidade de um indivíduo ser feliz por um fator de aproximadamente 0,94, sendo tal resultado estatisticamente significativo.

No que diz respeito ao gênero, todos os modelos demonstraram que os homens apresentam menor probabilidade de estarem felizes quando comparados as mulheres, com redução de aproximadamente 20% nessa probabilidade. Com base nos países desenvolvidos, tal redução da probabilidade de ser feliz foi ainda mais expressiva, alcançando os 36% menor probabilidade que as mulheres. No que se refere a cor, os modelos 1 e 4, apresentaram para o coeficiente que representa as pessoas brancas resultados positivos e significantes, demonstrando evidências que pessoas brancas apresentam maior probabilidade – cerca de 32% para o modelo 1 – de serem felizes que pessoas não brancas. Tais resultados também podem ser observados na literatura, como nos trabalhos de Wadsworth e Pendergast (2021) e Iceland e Ludwig-Dehm (2019), sendo que esse último, apresenta os fatores crônicos do racismo, da discriminação e da segregação em grupos socialmente marginalizados como possíveis evidências para tais diferenças na percepção de bem-estar subjetivo entre os indivíduos.

Entre as variáveis de controle utilizadas nos modelos, as variáveis relativas à saúde apresentaram resultados positivos e significantes para todos os modelos, assim como já destacado pela literatura sobre o poder de explicação e a influência da saúde sobre o bem-estar

¹⁷ Tal análise dos coeficientes das variáveis utilizadas no modelo levam em consideração que as outras variáveis sejam *ceteris paribus*, ou em outras palavras, permaneçam constante em relação a variável analisada.

subjetivo, como nas evidências encontradas por Deaton (2008), Golgher e Coutinho (2020) e Yang (2008). Nesse sentido, os resultados dos modelos apresentaram, de forma geral, que quando comparado aos indivíduos com a saúde razoável (*baseline*), os indivíduos com saúde muito boa e boa aumentavam sua probabilidade de se autointitular felizes, resultado inverso ao encontrado para pessoas com saúde ruim ou muito ruim, dado que as evidências geradas para esse grupo apontaram para reduções significativas na probabilidade de ser feliz.

No que se refere as variáveis categóricas relativas ao estado civil do indivíduo, considerando indivíduos solteiros como *baseline*, os indivíduos casados, separados e que vivem juntos apresentam coeficientes positivos e significantes no modelo 4, demonstrando a maior probabilidade de se considerarem felizes que indivíduos que estão solteiros. No que concerne aos indivíduos separados e viúvos, os resultados obtidos nos modelos 1, 2 e 3 demonstram significância estatística e redução na probabilidade de se autointitular feliz quando comparado ao *baseline*, com evidências para diminuição de pelo menos metade da probabilidade no caso dos viúvos, e de pelo menos 28% na probabilidade para os separados. Nesse sentido, os resultados encontrados apresentam, na maior parte dos casos, o exposto na literatura, como nos estudos de Grover e Helliwell (2019) e Lawless e Lucas (2011).

No tocante a urbanização, apesar da falta de evidências no referencial teórico para a associação com o bem-estar subjetivo, os resultados foram significantes em três modelos desenvolvidos. Nesse sentido, os modelos 1, 2 e 3 demonstram que a probabilidade de um indivíduo ser feliz em áreas urbanas diminui entre 16 a 22 pontos percentuais em comparação a áreas não urbanas, como as áreas rurais. Tais resultados podem ser decorrentes de efeitos negativos que atingem com maior incidência áreas densamente povoadas e urbanas, como uma pior qualidade do ar, trânsito intenso e poluição sonora em maior intensidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho conseguiu, a partir das seções previamente desenvolvidas, cumprir com os objetivos propostos na Introdução. Nesse sentido, uma análise extensiva da literatura sobre o bem-estar subjetivo foi apresentada, selecionando distintos estudos científicos sobre a influência de diferentes variáveis socioeconômicas e demográficas. Ressalta-se ainda, a breve exposição da sofisticação da estrutura produtiva dos países com base na literatura pela ótica da complexidade econômica, expondo como a disponibilidade de capacidades não-transacionáveis, ou seja, fatores inerentes a estrutura produtiva dos países - como as instituições, o capital humano e físico -, afetam as perspectivas de desenvolvimento e crescimento das nações, e impactam direta e indiretamente o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Nessa perspectiva, se estabeleceu um modelo econométrico logístico com *odds ratio*, capaz de quantificar a relação entre a variável dependente e as variáveis independentes, nesse último caso, a sofisticação da estrutura produtiva – utilizando ICE como um indicador *proxy* – e as variáveis de controle socioeconômicas e demográficas – que foram selecionadas com base nos estudos expostos no referencial teórico. Nesse perspectivas quatro modelos econométricos foram desenvolvidos para apresentar os resultados com indivíduos de diferentes países, o primeiro referente as 17 mil observações de todos os países da amostra com somente as variáveis socioeconômicas e demográficas - como forma de estimar a contribuição da sofisticação da estrutura produtiva sobre o bem-estar subjetivo; o segundo para todos os 41 países com todas as variáveis selecionadas; e o terceiro e quarto, com todas as variáveis somente para países emergentes e países desenvolvidos, respectivamente.

Os resultados encontrados pelos modelos propostos para a todos os países da amostra seguiram com os resultados encontrados na literatura e, apoiaram as evidências encontradas durante a análise exploratória dos dados. Desse modo, de forma agregada para os 4 modelos, encontrou-se uma associação positivo de maiores níveis de renda, da democracia, da melhor condição de saúde, de estar casado ou vivendo junto e, de ser branco sobre a felicidade. Por outro lado, entre os fatores que apresentaram influência negativa sobre o bem-estar subjetivo, destacamos os menores níveis de renda, estar desempregado, sofrer com o aumento da idade, de ser homem e não ser branco, não estar saudável, ser viúvo ou separado, além de viver em ambientes urbanos.

No que se refere ao nível da sofisticação da estrutura produtiva, os resultados encontrados pelos modelos desenvolvidos demonstraram que o nível da sofisticação da estrutura produtiva, ou seja, de sua complexidade econômica, é fator impactante para a maior felicidade na sociedade, dado que capacidades de produzir bens complexos e não-ubíquos, representam as capacidades não-transacionáveis que diretamente resultam na maior disponibilidade de escolha de ocupações - com níveis salariais e condições de trabalho melhores -, e que representam ganhos na qualidade de vida dos indivíduos, seja através da maior disponibilidade de bens de consumo. Nessa perspectiva, tais capacidades afetam também indiretamente o bem estar subjetivo, seja por um sistema político mais maduro; pelas liberdades individuais que as instituições sólidas e inclusivas permitem; pelas inovações na sociedade e pela infraestrutura de transporte e comunicação de qualidade. Tais fatores supracitados, são determinantes para a influência direta e indireta da sofisticação da estrutura produtiva sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Desse modo, o presente estudo forneceu fundamentos teóricos e resultados empíricos que possam ajudar no direcionamento e na elaboração de políticas de desenvolvimento com foco na maximização da felicidade dos indivíduos, demonstrando a importância que as capacidades não-transacionáveis - e o que elas representam -, apresentam para esse objetivo. Contudo, o tema não foi exaurido e, com base nos resultados encontrados, o trabalho apenas inicia a análise para uma amostra de países em um período selecionado, desse modo, pesquisas futuras apresentando maior abrangência ou maior detalhamento - seja de variáveis ou da amostra de países -, podem ajudar a entender como a relação da felicidade e da sofisticação da estrutura produtiva - além de outras variáveis de controle -, se desenvolve para distintos períodos temporais.

REFERÊNCIAS

- ACEMOGLU, Daron; DELL, Melissa. Productivity Differences Between and Within Countries. **American Economic Journal: Macroeconomics**, v. 2, n. 1, p. 169-188, 2012. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/mac.2.1.169>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- ALIYEV, Khatai. Unemployment and (un)happiness: Life satisfaction approach to enhance policy efficiency for developing countries. **Journal of International Studies**, v. 14, n. 4, p. 220-235, 2021. Disponível em: [https://www.jois.eu/index.php?737,en_unemployment-and-\(un\)happiness-life-satisfaction-approach-to-enhance-policy-efficiency-for-developing-countries](https://www.jois.eu/index.php?737,en_unemployment-and-(un)happiness-life-satisfaction-approach-to-enhance-policy-efficiency-for-developing-countries). Acesso em: 22 jun. 2022.
- ALTMAN, David; FLAVIN, Patrick; RADCLIFF, Benjamin. Democratic Institutions and Subjective Well-Being. **Political Studies**, p. 1-20, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0032321716683203>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- BALLAND, Pierre-Alexandre; RIGBY, David. The Geography of Complex Knowledge. **Economic Geography**, v. 93, n. 1, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00130095.2016.1205947>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- BALLAND, Pierre-Alexandre *et al.* Complex economic activities concentrate in large cities. **Nature Human Behaviour**, v. 4, p. 248-254, 2020. Disponível em: https://dam-prod.media.mit.edu/x/2020/01/13/BallandEtAl_NHB_2020.pdf. Acesso em: 13 dez. 2021.
- BATZ-BARBARICH, Cassondra *et al.* A Meta-Analysis of Gender Differences in Subjective Well-Being: Estimating Effect Sizes and Associations with Gender Inequality. **Psychological Science**, v. 29, n. 9, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0956797618774796?journalCode=pssa>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- BINDER, Martin; COAD, Alex. Life satisfaction and self-employment: a matching approach. **Small Business Economics**, v. 40, p. 1009-1033, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11187-011-9413-9>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- BLANCHFLOWER, David; OSWALD, Andrew. Is well-being U-shaped over the life cycle? **Social Science & Medicine**, v. 66, p. 1733-1749, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953608000245>. Acesso em: 06 nov. 2021.
- BLOM, Niels; PERELLI-HARRIS, Brienna. Temporal Dimensions of Unemployment and Relationship Happiness in the United Kingdom. **European Sociological Review**, v. 37, n. 2, p. 253-270, 2021. Disponível em: <https://academic.oup.com/esr/article-abstract/37/2/253/6000719?redirectedFrom=fulltext#no-access-message>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRODY, Debra; PRATT, Laura; HUGHES, Jeffery. Prevalence of Depression Among Adults Aged 20 and Over: United States, 2013-2016. **National Center for Health Statistics**, n. 303, 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/nchs/products/databriefs/db303.htm>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CHAKRABORTY, Abhijit; INOUE, Hiroyasu; FUJIWARA, Yoshi. Economic complexity of prefectures in Japan. **PLoS ONE**, v. 15, n. 8, 2020. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0238017>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CHÁVEZ, Juan; MOSQUEDA, Marco; GÓMEZ-ZALDÍVAR, Manuel. Economic Complexity and Regional Growth Performance: Evidence from the Mexican Economy. **The Review of Regional Studies**, v. 47, p. 201-219, 2017. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/rrepubsh/v47_3ay_3a2017_3ai_3a2_3ap_3a201-219.htm. Acesso em: 15 dez. 2021.

CLARK, Andrew; FRIJTERS, Paul; SHIELDS, Michael. Relative Income, Happiness and Utility: An Explanation for the Easterlin Paradox and Other Puzzles. **Institute for the Study of Labor (IZA) Discussion Papers**, n. 2840, 2007. Disponível em: <https://ftp.iza.org/dp2840.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CLARK, Andrew; OSWALD, Andrew. Satisfaction and comparison income. **Journal of Public Economics**, v. 61, n. 3, p. 359-381, 1996. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0047272795015647>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CLARK, Andrew; OSWALD, Andrew. Unhappiness and Unemployment. **The Economic Journal**, v. 104, p. 648-659, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2234639>. Acesso em 04 nov. 2021.

CRAMER, Jan. **Logit Models from Economics and Other Fields**. 1. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CRISTELLI, Matthieu *et al.* Measuring the Intangibles: A Metrics for the Economic Complexity of Countries and Products. **PLoS ONE**, v. 8, n. 8, 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0070726>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CRISTELLI, Matthieu; TACHELLA, Andrea; PIETRONERO, Luciano. The Heterogeneous Dynamics of Economic Complexity. **PLoS ONE**, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0117174>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CUÑADO, Juncal; GRACIA, Fernando. Does Education affect Happiness? Evidence for Spain. **Social Indicators Research**, v. 108, p. 185-196, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%252Fs11205-011-9874-x>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CUÑADO, Juncal; GRACIA, Fernando. Environment and Happiness: New Evidence for Spain. **Social Indicators Research**, v. 112, p. 549-567, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-012-0038-4>. Acesso em: 04 nov. 2021.

DEATON, Angus. Income, Health, and Well-Being around the World: Evidence from the Gallup World Poll. **Journal of Economic Perspectives**, v. 22, n. 2, p. 53-72, 2008. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.22.2.53>. Acesso em: 09 nov. 2021.

DEMARIS, Alfred; OATES, Gary. The Trajectory of Subjective Well-Being: A Partial Explanation of the Marriage Advantage. **Journal of Family Issues**, v. 43, n. 6, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0192513X211030033>. Acesso em: 23 jun. 2022.

DIENER, Ed (org.). **Assessing Well-Being: The Collected Works of Ed Diener**. Social Indicators Research Series, vol. 39. Illinois: Springer, 2009a.

DIENER, Ed (org.). **Culture and Well-Being: The Collected Works of Ed Diener**. Social Indicators Research Series, vol. 38. Illinois: Springer, 2009b.

DIENER, Ed (org.). **The Science of Well-Being: The Collected Works of Ed Diener**. Social Indicators Research Series, vol. 37. Illinois: Springer, 2009c.

DOLAN, Paul; PEASGOOD, Tessa; WHITE, Mathew. Do we really know what makes us happy? A review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being. **Journal of Economic Psychology**, v. 29, p. 94-122, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487007000694>. Acesso em: 09 nov. 2021.

EASTERLIN, Richard *et al.* The happiness-income paradox revisited. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 52, p. 22463-22468, 2010. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/107/52/22463>. Acesso em: 23 dez. 2021.

EVANS, Teresa *et al.* Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nature Biotechnology**, v. 36, p. 282-284, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nbt.4089>. Acesso em: 21 dez. 2021.

FELIPE, Jesus *et al.* Product Complexity and Economic Development. **Structural Change and Economics Dynamics**, v. 23, p. 36-68, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0954349X11000567>. Acesso em: 07 dez. 2021.

FERRER-I-CARBONELL, Ada. Income and well-being: an empirical analysis of the comparison income effect. **Journal of Public Economics**, v. 89, p. 997-1019, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S004727270400088X>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FREY, Bruno; STUTZER, Alois. **Happiness & Economics: How the economy and institutions affect well-being**. New Jersey: Princeton University Press, 2002a.

FREY, Bruno; STUTZER, Alois. Happiness Prospers in Democracy. **Journal of Happiness Studies**, v. 1, p. 79-102, 2000. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1023/A:1010028211269>. Acesso em: 03 mai. 2022.

FREY, Bruno; STUTZER, Alois. What Can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402-435, 2002b. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/2698383>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FRITZ, Benedikt; MANDUCA, Robert. The Economic Complexity of US Metropolitan Areas. **Regional Studies**, v. 55, n. 7, p. 1299-1310, 2021. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00343404.2021.1884215>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GALA, Paulo. **Complexidade econômica: Uma nova perspectiva para entender a antiga questão da riqueza das nações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017

GALA, Paulo *et al.* Sophisticated jobs matter for economic complexity: An empirical analysis based on input-output matrices and employment data. **Structural Change and Economic Dynamics**, v. 45, p. 1-8, 2018. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0954349X16300716>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GAO, Jian; ZHOU, Tao. Quantifying China's regional economic complexity. **Physica A: Statistical Mechanics and its Applications**, v. 492, p. 1591-1603, 2018. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378437117311378>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLGHER, André; COUTINHO, Raquel. Life Satisfaction in Brazil: an exploration of theoretical correlates and age, period and cohort variations using the World Values Survey (1991 – 2014). **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 37, p. 1-27, 2020.

Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/1447>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GRAHAM, Carol; FELTON, Andrew. Inequality and Happiness: Insights from Latin America. **Journal of Economic Inequality**, v. 4, p. 107-122, 2006. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s10888-005-9009-1>. Acesso em: 24 nov. 2021.

GRAHAM, Carol; POZUELO, Julia. Happiness, stress, and age: how the U curve varies across people and places. **Journal of Population Economics**, n. 30, p.225-264, 2017.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00148-016-0611-2>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GROVER, Shawn; HELLIWELL, John. How's Life at Home? New Evidence on Marriage and the Set Point for Happiness. **Journal of Happiness Studies**, n. 20, p. 373-390, 2019.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-017-9941-3>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GUJARATI, Damodar. **Basic Econometrics**. 5. ed. Nova York: The McGraw-Hill Inc, 2008.

HA, Shang; JANG, Seung-Jin. National Identity, National Pride, and Happiness: The Case of South Korea. **Social Indicators Research**, v. 121, p. 471-482, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-014-0641-7>. Acesso em: 01 nov. 2021.

HARTMANN, Dominik *et al.* Linking Economic Complexity, Institutions, and Income Inequality. **World Development**, v. 93, p. 75-93, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0305750X15309876>. Acesso em: 02 dez. 2021.

HARTMANN, Dominik. **Economic Complexity and Human Development: How economic diversification and social networks affect human agency and welfare**. Nova York: Routledge, 2014.

HAUSMANN, Ricardo *et al.* **The Atlas of Economic Complexity: Mapping paths to prosperity**. Cambridge: MIT Press, 2015.

HAUSMANN, Ricardo; HIDALGO, César. A Network View of Economic Development. **Developing Alternatives**, v. 12, n. 1, p. 5-10, 2008. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.544.5939&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

HAUSMANN, Ricardo, HIDALGO, César. Country diversification, product ubiquity, and economic divergence. **Center for International Development**, n. 201, 2010. Disponível em: https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/4554740/RWP10-045_Hausmann_Hidalgo.pdf. Acesso em: 07 dez. 2021

HAUSMANN, Ricardo; HIDALGO, César. The building blocks of economic complexity. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 26, p. 10570-10575, 2009. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/106/26/10570>. Acesso em: 03 dez. 2021.

HAUSMANN, Ricardo; KLINGER, Bailey. The Structure of the Product Space and the Evolution of Comparative Advantage. **Center for International Development**, n. 146, 2007. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/centers/cid/publications/faculty-working-papers/structure-product-space-and-evolution-comparative-advantage>. Acesso em: 06 dez. 2021.

HIDALGO, César *et al.* The Product Space Conditions the Development of Nations. **Science**, v. 317, 2007. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1144581>. Acesso em: 06 dez. 2021.

HIDALGO, César. **Why Information Grows: The Evolution of Order, from Atoms to Economies**. 1. ed. Nova York: Basic Books, 2015.

ICELAND, John; LUDWIG-DEHM, Sarah. Black-white differences in happiness, 1972-2014. **Social Science Research**, v. 77, p. 16-29, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0049089X17307561?via%3Dihub>. Acesso em: 08 nov. 2021.

INANC, Hande. Unemployment, Temporary Work and Subjective Well-Being: The Gendered Effect of Spousal Labor Market Insecurity. **American Sociological Review**, v. 83, p. 536-566, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122418772061>. Acesso em: 22 jun. 2022.

INGLEHART, Ronald *et al.* **World Values Survey: Round Seven – Country-Pooled Datafile**. Vienna: WVSA Secretariat, 2020.

KESEBIR, Pelin, & DIENER, Ed. In pursuit of happiness: Empirical answers to philosophical questions. **Perspectives on Psychological Science**, 3, 117–125, 2008. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1774988. Acesso em: 02 nov. 2021.

KOLLAMPARAMBIL, Umakrishnan. Happiness, Happiness Inequality and Income Dynamics in South Africa. **Journal of Happiness Studies**, v. 21, p. 201-222, 2020. Disponível em: https://ideas.repec.org/a/spr/jhappi/v21y2020i1d10.1007_s10902-019-00075-0.html. Acesso em: 22 jun. 2022.

KRUEGER, Alan; SCHKADE, David. The reliability of subjective well-being measures. **Journal of Public Economics**, v. 92, n. 8-9, p. 1833-1845, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0047272708000054>. Acesso em: 26 nov. 2021.

LACHOWSKA, Marta. The Effect of Income on Subjective Well-being: Evidence from the 2008 Economic Stimulus Tax Rebates. **Journal of Human Resources**, p. 63, 2015. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2682543. Acesso em: 22 jun. 2022.

LAI, Eric; YU, Ruby; WOO, Jean. The associations of Income, Education and Income Inequality and Subjective well-Being among Elderly in Hong Kong – A multilevel Analysis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, p. 1271-1287, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7068358/>. Acesso em 21 jun. 2022.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAWLESS, Nicole; LUCAS, Richard. Predictors of Regional Well-Being: A County Level Analysis. **Social Indicators Research**, v. 101, n. 3, p. 341-357, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41476450>. Acesso em: 02 dez. 2021.

LELKES, Orsolya. Tasting freedom: Happiness, religion and economic transition. **Journal of Behavior & Organization**, v. 59, p. 173-194, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167268105000715>. Acesso em: 19 nov. 2021.

LEVECQUE, Katia *et al.* Work organization and mental health problems in PhD students. **Research Policy**, v. 46, n. 4, p. 868-879, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733317300422>. Acesso em: 21 dez. 2021.

LOPEZ, Wiliam *et al.* “No jobs, more crime. More jobs, less crime”: structural factors affecting the health of latino men in Detroit. **Journal of Men’s Health**, v. 9, n. 4, p. 255-260, 2012. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/full/10.1016/j.jomh.2012.03.007>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MONTGOMERY, Mallory. Reversing the gender gap in happiness. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 196, p. 65-78, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167268122000129>. Acesso em: 22 jun. 2022.

NEFFKE, Frank; HENNING, Martin; BOSCHMA, Ron. How Do Regions Diversify over Time? Industry Relatedness and the Development of New Growth Paths in Regions. **Economic Geography**, v. 87, n. 3, p. 237-265, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1944-8287.2011.01121.x>. Acesso em: 09 dez. 2021.

OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **Methods**. Cambridge, 2022. Disponível em: <https://oec.world/en/resources/methods#eci>. Acesso em: 02 mai. 2022.

OISHI, Shigehiro. Culture and Well-Being: Conceptual and Methodological Issues. *IN*: DIENER, Ed; HELLIWELL, John; KAHNEMAN, Daniel. **International Differences in Well-Being**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 34-69.

ORVISKA, Marta; CAPLANOVA, Anetta; HUDSON, John. The Impact of Democracy on Well-being. **Social Indicators Research**, v. 115, p. 493-508, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24720237>. Acesso em: 02 mai. 2022.

PUGLIESE, Emanuele *et al.* Complex Economies Have a Lateral Escape from the Poverty Trap. **PLoS ONE**, v. 12, n. 1, 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0168540>. Acesso em: 23 dez. 2021.

PUNTSCHER, Sibylle *et al.* The Impact of Social Capital on Subjective Well-Being: A Regional Perspective. **Journal of Happiness Studies**, v. 16, p. 1231-1246, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-014-9555-y>. Acesso em: 29 nov. 2021.

REHDANZ, Katrin; MADDISON, David. Climate and happiness. **Ecological Economics**, v. 52, p. 111-125, 2005. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/paper/sgcwpaper/20.htm>. Acesso em: 22 nov. 2021.

REYNOLDS, Christian *et al.* A sub-national economic complexity analysis of Australia’s states and territories. **Regional Studies**, v. 52, n. 5, p. 715-726, 2017. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00343404.2017.1283012>. Acesso em: 14 dez. 2021.

RICARDO, David. **On The Principles of Political Economy and Taxation**. 1. ed. Londres: John Murray, 1817.

SARRACINO, Francesco. Determinants of subjective well-being in high- and low-income countries: Do happiness equations differ across countries? **The Journal of Socio-Economics**, v. 42, p. 51-66, fev. 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1053535712001187>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SCHWARTZ, Barry. **The Paradox of Choice: Why More is Less**. Nova York: HarperCollins Publishers, 2004.

SEN, Amartya. **Development as Freedom**. 1. ed. Nova York: Alfred A. Knopf, 1999.

SMITH, Adam. **An Inquiry into the Nature and Causes of The Wealth of Nations**. 1. ed. Londres: W. Strahan & T. Cadell, 1776.

STACK, Steven; ESHLEMAN, J. Ross. Marital Status and Happiness: A 17-Nation Study. **Journal of Marriage and the Family**, v. 60, p. 527-536, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/353867>. Acesso em 12 nov. 2021.

STEVENSON, Betsey; WOLFERS, Justin. Economic Growth and Subjective Well-Being: Reassessing the Easterlin Paradox. **National Bureau of Economic Research**, n. 14282, Massachusetts, EUA, 2008. Disponível em: https://www.nber.org/system/files/working_papers/w14282/w14282.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

SULIS, Isabella; GIAMBONA, Francesca; PORCU, Mariano. Adjusted indicators of quality and equity for monitoring the education systems over time. Insights on EU15 countries from PISA surveys. **Socio-Economic Planning Sciences**, v. 69, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0038012118301174>. Acesso em: 25 jun. 2022.

THE WORLD BANK. **World Bank Country and Lending Groups**. Washington, 2022b. Disponível em: <https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519-world-bank-country-and-lending-groups>. Acesso em: 27 jan. 2022.

TOV, William; DIENER, Ed. The Well-Being of Nations: Linking Together Trust, Cooperation, and Democracy. *IN*: DIENER, Ed (org.). **The Science of Well-Being: The Collected Works of Ed Diener**. Social Indicators Research Series, vol. 37. Illinois: Springer, 2009. p. 155-173.

WADSWORTH, Tim; PENDERGAST, Philip. Race, Ethnicity and subjective Well-Being: Exploring the Disparities in Life Satisfaction Among Whites, Latinx, and Asians. **International Journal of Wellbeing**, v. 11, n. 2, p. 51-72, 2021. Disponível em:

<https://internationaljournalofwellbeing.org/index.php/ijow/article/view/1451>. Acesso em: 08 nov. 2021.

WINKELMANN, Liliana; WINKELMANN, Rainer. Why Are the Unemployed So Unhappy? Evidence from Panel Data. **Economica**, v. 65, p. 1-15, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2555127>. Acesso em: 18 nov. 2021.

WOOD, Wendy; RHODES, Nancy; WHELAN, Melanie. Sex differences in Positive Well-Being: A Consideration of Emotional Style and Marital Status. **Psychological Bulletin**, v.106, n. 2, p. 249-264, 1989. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1990-01336-001>. Acesso em: 08 nov. 2021.

WOOLDRIDGE, Jeffrey. **Introductory Econometrics: A Modern Approach**. 7. ed. Boston: Cengage Learning Inc, 2020.

YANG, Yang. Social Inequalities in Happiness in United States, 1972 to 2004: An Aged-Period-Cohort Analysis. **American Sociological Review**, v. 73, n. 2, p. 204-226, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25472523>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ZHU, Shujin; LI, Renyu. Economic Complexity, human capital and economic growth: empirical research based on cross-country panel data. **Applied Economics**, v. 49, n. 38, p. 3815-3828, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00036846.2016.1270413>. Acesso em: 23 dez. 2021

APÊNDICE A

A seguir, na Tabela 5 é apresentada lista de países da amostra de dados que tiveram os dados dos indivíduos entrevistados coletados entre 2017 a 2020, assim como a quantidade de indivíduos entrevistados.

Tabela 5 – Lista de países da amostra de dados

País	Ano	Quantidade de indivíduos entrevistados
Argentina	2017	222
Bolívia	2017	677
Grécia	2017	255
Sérvia	2017	144
Rússia	2017	214
Estados Unidos	2017	362
Tailândia	2018	329
Coreia do Sul	2018	44
Andorra	2018	285
Cazaquistão	2018	256
Equador	2018	496
Romênia	2018	145
Porto Rico	2018	482
Peru	2018	490
Nigéria	2018	597
Paquistão	2018	856
México	2018	800
Malásia	2018	252
Iraque	2018	277
Indonésia	2018	1139
Hong Kong	2018	252
China	2018	704
Colômbia	2018	861
Brasil	2018	381
Bangladesh	2018	317
Chile	2018	196
Austrália	2018	452
Chipre	2019	222
Guatemala	2019	435
Macau	2019	98
Filipinas	2019	619
Taiwan	2019	248
Tunísia	2019	141
Zimbábue	2020	392

Ucrânia	2020	175
Nicarágua	2020	605
Myanmar	2020	335
Quirguistão	2020	678
Irã	2020	383
Etiópia	2020	385
Canadá	2020	876

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 6 é apresentado os valores do VIF para as variáveis independentes utilizadas nos modelos 1 a 4.

Tabela 6 – VIF para variáveis independentes

Variável	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Sof. da Estrutura Produtiva	-	1,12	1,09	1,73
Alta Renda	1,06	1,06	1,07	1,08
Baixa Renda	1,11	1,11	1,11	1,20
Democracia	1,03	1,04	1,03	1,12
Desempregado	1,04	1,05	1,04	1,11
Idade	35,38	35,42	35,98	41,00
Idade ²	33,59	33,44	34,00	39,89
Homem	1,04	1,04	1,04	1,09
Branco	1,03	1,04	1,04	1,75
Saúde – Muito Boa	1,98	1,97	1,85	2,97
Boa	1,92	1,92	1,81	2,82
Ruim	1,16	1,16	1,15	1,28
Muito Ruim	1,07	1,07	1,06	1,12
Estado Civil – Casado	2,19	2,19	2,23	2,25
Separado	1,35	1,34	1,31	1,47
Vivendo juntos	1,42	1,42	1,44	1,45
Viúvo	1,44	1,44	1,47	1,42
Urbano	1,06	1,09	1,07	1,02

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 7 apresenta os coeficientes dos modelos logísticos apresentados na seção resultados e discussão sem a transformação exponencial, ou seja, sem a transformação para *odds ratio*.

Tabela 7 – Resultado dos modelos logísticos

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<i>Sofisticação da estrutura produtiva</i>	-	0,2596*** (0,0401)	0,4757*** (0,0493)	0,3909*** (0,1125)
Socioeconômicas				
<i>Alta renda</i>	0,6484*** (0,1681)	0,6015*** (0,1677)	0,6837*** (0,1892)	0,0555 (0,4720)
<i>Baixa renda</i>	-0,6922*** (0,0743)	-0,7448*** (0,0758)	-0,6680*** (0,0853)	-1,1599*** (0,2108)
<i>Média renda</i>	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)
<i>Desemprego</i>	-0,7231*** (0,1016)	-0,6296*** (0,1047)	-0,5936*** (0,1143)	-1,4426*** (0,3823)
<i>Democracia</i>	0,1670*** (0,0119)	0,1599*** (0,0120)	0,1575*** (0,0136)	0,2236*** (0,0406)
Demográficas				
<i>Idade</i>	-0,0109 (0,0136)	-0,0196 (0,0140)	-0,0244 (0,0167)	-0,0620* (0,0346)
<i>Idade^2</i>	0,0002 (0,0001)	0,0002* (0,0001)	0,0004** (0,0001)	0,0005 (0,0003)
<i>Gênero (homem)</i>	-0,2124*** (0,0722)	-0,2347*** (0,0739)	-0,2094** (0,0832)	-0,4564** (0,2053)
<i>Cor (Branco)</i>	0,2840* (0,1683)	0,2283 (0,1692)	-0,2855 (0,1934)	1,8656*** (0,4594)
<i>Saúde – Muito boa</i>	2,0322*** (0,1155)	2,0172*** (0,1180)	1,9733*** (0,1304)	2,9454*** (0,3414)
<i>Boa</i>	1,1217*** (0,0880)	1,0884*** (0,0905)	1,1537*** (0,1023)	1,3166*** (0,2415)
<i>Ruim</i>	-1,5234*** (0,1102)	-1,4989*** (0,1132)	-1,5633*** (0,1254)	-0,9833*** (0,3434)
<i>Muito Ruim</i>	-2,4521*** (0,1805)	-2,4961*** (0,1938)	-2,4954*** (0,2130)	4,4281*** (1,1116)
<i>Razoável</i>	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)
<i>Estado Civil – Casado</i>	0,0363 (0,1064)	0,0592 (0,1085)	-0,1930 (0,1246)	1,4608*** (0,2787)
<i>Separado</i>	-0,3274** (0,1529)	-0,3603** (0,1579)	-0,5318*** (0,1850)	0,8461** (0,3900)
<i>Vivendo juntos</i>	1,1545*** (0,1695)	1,2108*** (0,1760)	1,1653*** (0,2076)	1,3235*** (0,4120)
<i>Viúvo</i>	-0,7081*** (0,1741)	-0,7747*** (0,1764)	-1,0507*** (0,2024)	-0,0489 (0,4366)
<i>Solteiro</i>	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)	0 (omitida)
<i>Urbano</i>	-0,1834** (0,0750)	-0,3534*** (0,0774)	0,2597*** (0,0850)	-0,2749 (0,3002)
<i>Constante</i>	1,4623***	1,8789***	2,1452***	0,8968

	(0,2901)	(0,2979)	(0,3455)	(0,8704)
Observações	17.077	15.990	12.920	2.685
Pseudo R ²	0,2684	0,2757	0,2834	0,4256
VIF Médio	5,23	5,00	5,04	5,88
Log pseudoprobabilidade	-2.198,50	-2.047,89	-1646,98	-258,73

*, ** e *** indicam nível de significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente. Em parênteses se encontram os erros padrões robustos. Foram utilizados pesos de amostragem para que indivíduos em distintos países apresentem a mesma importância nos modelos.

Fonte: Elaboração própria.